

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – MESTRADO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO**

**O LEGADO DE LUCI MOBILIO GOMES PINTO PARA ENFERMAGEM
BRASILEIRA**

LANA MARA ALVES BARBOSA

RIO DE JANEIRO

2015

LANA MARA ALVES BARBOSA

**O LEGADO DE LUCI MOBILIO GOMES PINTO PARA ENFERMAGEM
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências Biológicas da Saúde, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Saúde, História e Cultura :Saberes em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a Dra. Almerinda Moreira

RIO DE JANEIRO

2015

LANA MARA ALVES BARBOSA

**O LEGADO DE LUCI MOBILIO GOMES PINTO PARA ENFERMAGEM
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências Biológicas da Saúde, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Almerinda Moreira - EEAP/UNIRIO

Profº Drª Mercedes Neto – FENF\ UERJ

.

Prof. Dr. Wellington Amorim - EEAP/UNIRIO

Prof. Dr. Fernando Porto - EEAP/UNIRIO

Prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior - EEAP/UNIRIO

Barbosa, Lana Mara Alves.
B238 O legado de Luci Móbilio Gomes Pinto para a enfermagem
brasileira/ Lana Mara
Alves Barbosa, 2015.
85 f.; 30 cm

Orientadora: Almerinda Moreira.
Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

1. Pinto, Luci Móbilio Gomes. 2. Enfermagem - História. 3. Ensino superior.
4. Memória - Aspectos sociais. I. Moreira, Almerinda. II. Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Biológicas e da
Saúde. Curso de Mestrado em Enfermagem. III. Título.

CDD – 610.73

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma conquista, por ter me dado saúde e sabedoria para realização deste sonho.

À minha família pelo companheirismo, força e incentivo e por sempre acreditarem em mim. Obrigada pelas orações, abraços, conselhos e carinho.

A Prof^a Dra. Ana Clementina Vieira de Almeida, minha grande incentivadora que esteve ao meu lado em toda esta trajetória.

À minha orientadora Prof^a Dra. Almerinda Moreira pela dedicação e paciência comigo nesses dois anos. Pela convivência serena, pela parceria e pelos ensinamentos.

À Prof^a Luci Móbilio Gomes Pinto, minha eterna gratidão, que tão gentilmente me acolheu e cedeu a sua história de vida para que eu possa realizar o meu sonho.

A UNIGRANRIO, em especial a pessoa do Magnífico Sr. Reitor Arody Cordeiro Herdy e a Diretora da Escola das Ciências da Saúde Hulda Cordeiro Herdy Ramim. Universidade esta que orgulho em dizer que vi crescer e cresci ao longo destes 25 anos que lá estou.

Aos Prof. Dr. Fernando Porto (UNIRIO), Welligton Amorim (UNIRIO) e Osnir Claudiano da Silva Junior (UNIRIO), Mercedes Neto (UERJ) que mudaram o meu olhar sobre a história da enfermagem e pelas valiosas contribuições na construção dessa dissertação.

Aos amigos e professores da Unigranrio, em especial os da Escola Ciências da Saúde que estiveram envolvidos no meu crescimento acadêmico e na realização do mestrado.

Aos amigos do LAPHE, o meu agradecimento por compartilharem momentos de aprendizagem em conjunto.

RESUMO

Este estudo é o resgate da memória construída e o legado de Luci Móbilio Gomes Pinto dentro da profissão de enfermagem, pelo fato de ter exercido diferentes cargos: na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) como Professora, foi vice-diretora, no período de 1976 a 1980, e diretora no período de 1990 a 1992. Foi coordenadora e professora de 1976 a 1986 na Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac (FELM). Desde 2008 atua como professora na Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo (FABA). O objeto de estudo é a trajetória de vida de Luci Móbilio Gomes Pinto. **Objetivos:** descrever os elementos biográficos de Luci Móbilio Gomes Pinto da infância ao início da vida profissional; analisar a trajetória da biografada nas instituições de ensino de enfermagem, por meio de suas principais ações e traços de permanência deixados nelas; apresentar o legado de Luci Móbilio Gomes Pinto no âmbito da enfermagem. **Justificativa:** Preservar a memória da personagem, pelo exemplo de luta, liderança e dinamismo em prol da enfermagem e, pela contribuição e dedicação de mais de meio século de vida profissional na formação de centenas de enfermeiros. **Metodologia:** Pesquisa de cunho histórico biográfico na perspectiva do método história oral de vida. Instrumentos de coleta de dados utilizados foram a entrevista, documentos das escolas de enfermagem, currículo lattes e fotos do acervo pessoal da colaboradora e pesquisa nas instituições em que ela trabalhou. A entrevista teve os seguintes passos: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Esta última etapa ocorreu em três etapas: transcrição, textualização e transcrição. Resultados: Apresentam-se a personagem e os aspectos biográficos, os caminhos percorridos pela colaboradora na trajetória da EEAP; os principais atos na FELM e FABA e; o legado de Luci Móbilio Gomes Pinto que, ao iniciar na sua formação acadêmica, teve que vencer as barreiras do preconceito em prol de realizar o sonho de ser enfermeira. A perseverança é uma das características dessa personagem, pois, de uma turma de 50 ingressantes, somente 25 conseguiram concluir o curso graduação. Uma das vertentes admiráveis é que sempre procurou se aperfeiçoar dentro da profissão de enfermagem, tendo recebido como prêmio mais relevante de sua carreira, no ano 2006, a homenagem de Honra ao Mérito Profissional – Prêmio OPAS “Gente que faz Saúde”. Recebeu ainda uma Moção de reconhecimento da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O legado deixado na FELM foi a criação do Programa de Diretrizes Institucionais e o Programa de Diretrizes para o Curso de Enfermagem, que não existia quando assumiu a direção do curso. Possui diversas publicações em anais de congressos e até os dias de hoje em 2015, continua a lecionar com o mesmo entusiasmo que iniciou sua carreira de docente em 1966.

Descritores: História da Enfermagem; Memória; Instituições de Ensino Superior

ABSTRACT

This study is the rescue of the memory and legacy of Luci Mobilio Gomes Pinto within the nursing profession, due to the fact that he exercised different positions: deputy director in the period from 1976 to 1980 and director from 1990 to 1992 at the Alfredo Pinto School of Nursing (EEAP); coordinator and professor from 1976 to 1986 at Luiza Marilac Nursing College (FELM); and since 2008 she has served as a professor at Bezerra de Araújo Nursing College (FABA). Our object of study is the career history of Luci Mobilio Gomes Pinto. **Objectives:** To describe the biographical elements of Luci Mobilio Gomes Pinto from childhood to early professional life; to analyze the trajectory of biographee in nursing education institutions, through her main actions and personal traces left in them; to present the legacy of Luci Mobilio Gomes Pinto in nursing. **Rationale:** To preserve the memory of the character, because of her example of struggle, leadership and dynamism in favor of nursing and for her contribution and dedication of more than half a century of professional life in the formation of hundreds of nurses. **Methodology:** biographical historical study using the method of life history oral discourse. Data collection instruments used were the interview, documents in nursing schools, lattes curriculum and photos from subject's personal archive, and research in the institutions she worked at. The interview had the following steps: pre-interview, interview and post-interview. This last step in three stages: transcription, textualisation and transcreation. **Results:** We presented the character and the biographical aspects, the paths taken by the subject in the trajectory of EEAP; her principal actions in FELM and FABA; and the legacy of Luci Mobilio Gomes Pinto who, at the beginning of her academic career, had to overcome the prejudice barriers in order to accomplish her dream of being a nurse. Perseverance is a feature of this character who came from a class of 50 freshmen, where only 25 managed to complete a degree course. One of her remarkable aspects is that she always tried to improve herself in nursing profession and received as the most important award in her career, in 2006, the tribute of Honor to Professional Merit – the OPAS Award "People that make Health". She also received a recognition Award from the Municipality of Rio de Janeiro. The legacy she left in FELM was the creation of the Institutional Guidelines Program and the Program Guidelines for the Nursing Course, which did not exist when he assumed the direction of the course. She has several publications in conference annals and to this day she continues to teach with the same enthusiasm she had in the start of her teaching career in 1966.

Keywords: History of Nursing; Memory; Higher Education Institutions

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
ABRASCO	Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
ADUNIRIO	Associação dos Docentes da UNIRIO
AIS	Ações Integradas de Saúde
CAPEMI	Caixa de Pecúlio dos Militares
Capes	Coordenação de Apoio ao Pessoal de Nível Superior
CCBS	Centro de Ciências Biológicas da Saúde
CEBES	Centro Brasileiro de Estudos em Saúde
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CFE	Conselho Federal de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
CONASP	Conselho Consultivo da Administração Previdenciária
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
DAU	Departamento de Assuntos Universitários
D.O.	Diário Oficial
EEAAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEAP	Escola de Enfermagem Alfredo Pinto
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
ESF	Estratégia Saúde da Família
FABA	Faculdade Bezerra de Araújo
FAZ	Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social
FEFIEG	Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara
FEFIERJ	Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro
FELM	Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac
HGG	Hospital Graffée e Guinle
HSE	Hospital dos Servidores do Estado
IAPs	Institutos de Aposentadorias e Pensões
IES	Instituições de Ensino Superior
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INANPS	Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social
LAPHE	Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MS	Ministério da Saúde
NOB	Norma Operacional Básica

NOP	Núcleo Orientação a Pesquisa e Edição
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PDI	Programa de Diretrizes Institucionais
PPC	Programa Pedagógico do Curso
PPI	Programa Pedagógico Institucional
PSF	Programa da Saúde da Família
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SUDS	Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde
SUS	Sistema de Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Luci Mobilio Pinto Gomes em foto. Rio de Janeiro, 1990	35
0		44
	FIGURA 2. Luci Mobilio Gomes Pinto em foto como Diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto . Rio de Janeiro ,1990	
	Erro! Fonte de referência não encontrada.	46
Figura 2	Esquema representativo da atuação profissional de Luci Mobilio Gomes Pinto. Rio de Janeiro, 1963-2015	58

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	vi
LISTA DE FIGURAS	viii
SEÇÃO I	
1 INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO II	
2 METODOLOGIA	17
2.1 Tipo de pesquisa	17
2.2 Período do estudo	17
2.3 Procedimentos metodológicos para a coleta de dados	18
2.4 Procedimentos para a realização da entrevista	20
2.5 Tratamento final dos dados	22
2.6 Aspectos éticos da pesquisa	22
SEÇÃO III	
3 DESCREVENDO O CENÁRIO SOCIOPOLÍTICO E ECONÔMICO DO PAÍS E O ENSINO E PRÁTICA SOCIAL DA ENFERMAGEM	24
3.1 Década de 1960: a ditadura militar e reflexões na saúde e na enfermagem	24
0	26
Década de 1970: o milagre econômico e suas repercussões na saúde e na enfermagem	
3.3 Década de 1980: a democratização do país e a Reforma Sanitária impulsionam mudanças na saúde e na enfermagem	29
3.4 Década de 1990: as dificuldades na implantação do modelo assistencial e as mudanças na saúde e na enfermagem	31
SEÇÃO IV	
4 A HISTÓRIA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO	34
4.1 Apresentação da personagem – aspectos biográficos e circunstância do primeiro emprego	35
0	39
O início da atividade profissional	
0 4.3 Atuação de Luci Mobilo Pinto Gomes na são Camilo – Faculdade de Enfermagem Luiza de Marilac (FELM)	49
4.3 Os caminhos percorridos por Luci Mobilo Pinto Gomes na Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo	50
SEÇÃO V	55
5 O LEGADO DE LUCI MOBILIO PINTO	55
0 6 CONCLUSÃO	59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	60
APÊNDICES	65
Apêndice I - Roteiro de entrevista	65
Apêndice II – Transcrição das entrevistas	66
Apêndice III – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	73
Apêndice IV – Termo de Autorização do Uso de Imagem e Depoimento	75
Apêndice V – Termo de Autorização do Uso de Imagem e Depoimento	77
ANEXOS	80
Anexo I – Fotografias do acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes	81
Anexo II – Moção de Congratualação à Luci Mobilio Gomes Pinto dada pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro	84
Anexo III – Certificado de Honra ao Mérito Profissional dado a Luci Mobilio Gomes Pinto pela ABEn	85

SEÇÃO I

1. INTRODUÇÃO

Este estudo surgiu da inquietação enquanto professora do curso de enfermagem de uma instituição privada – Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), ao perceber a necessidade de se criar um núcleo de pesquisa histórica dentro do curso de enfermagem desta instituição.

Em um primeiro momento, meu olhar direcionou-se para as mudanças curriculares e de que maneira elas poderiam trazer transformações no saber-fazer do enfermeiro ao longo dos anos. No entanto, como mestranda do Curso de Pós-Graduação \ Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), tomei ciência da linha de pesquisa “Saúde, História e Cultura: Saberes em Enfermagem”, por meio do projeto “Os Dirigentes da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto”. E, a partir dele, vislumbrei a possibilidade de resgatar a memória construída e o legado de Luci Mobilio Gomes Pinto dentro da profissão de enfermagem, pelo fato dela ter exercido cargos de direção em diversas faculdades de enfermagem. Entre eles, foi vice-diretora na gestão de Zélia Senna Costa, no período de 1976 a 1986; diretora na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) entre os anos de 1990 a 1992; coordenadora pedagógica da Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac (FELM) no período de 1977 a 2007. Atualmente coordena e leciona na Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo, situada no bairro de Campo Grande no município do Rio de Janeiro-RJ.

O estudo da trajetória de Luci Mobilio Pinto Gomes, apesar de preencher uma lacuna existente nas instituições a respeito da memória histórica dela, não tem a pretensão de esgotar sua história de vida e tampouco das instituições por ela dirigidas, mas sim colaborar com uma visão histórica durante o período em que desenvolveu as funções de professora, coordenadora e diretora.

De acordo com o Dicionário Priberam (2014), legado significa “o que é transmitido a outros que vem a seguir”. Nesse contexto, o verdadeiro legado deixado por Luci Mobilio Gomes Pinto são a ética e o amor pela enfermagem constatados pelos seus atos.

Trata-se de uma pesquisa histórica que, como esclarece Rosa (2005), não se deve entendê-la como apenas uma ciência que investiga o passado. Ela deve ser concebida como uma prática que busca as relações dos sujeitos no social. Nessa abordagem, a pesquisa histórica adquire vitalidade no movimento tanto de retrospectão, quanto de prospecção, e coloca o próprio historiador como sujeito dessa dinâmica histórica.

Le Goff (1992), um dos mantenedores da história nova, refere que não há uma realidade histórica acabada que se entregaria por si própria ao historiador, mas que a mesma deve ser reconstruída cientificamente, de maneira a possibilitar a reconstituição ou a explicação do passado. Destaca que numa sociedade tudo está interligado, a estrutura política e social, a economia, as crenças e as manifestações mais elementares, daí ser importante nas pesquisas históricas considerar todo contexto em que se insere o objeto que se quer pesquisar. Para o autor, toda memória histórica, quer dizer a lembrança de acontecimentos que marcaram a história, é uma construção psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto.

Neste estudo vamos utilizar o método de história oral de vida, no qual o narrador é livre para falar de sua vida, e deve ser respeitado em sua versão dos acontecimentos, pois o entrevistado pode revelar, ocultar, contradizer, esquecer, ou até mesmo deformar algumas situações. É sua visão da vida, não cabendo contestação dos fatos por ele revelados (MEIHY, 2011).

Apoiando-nos em Rosa (2005) e Le Goff (1992) ao dizerem que devemos entender os sujeitos a partir de sua prática em determinado contexto histórico, podemos afirmar que os períodos em que Luci Mobilio Gomes Pinto atuou como professora, coordenadora e diretora de instituições de ensino foram repletos de acontecimentos.

No campo político ela pôde acompanhar desde o período da ditadura militar até a redemocratização do Brasil, com a eleição de presidente, governadores, senadores deputados federais e estaduais. Na economia, pôde sentir as dificuldades decorrentes da grande reestruturação econômica brasileira, na tentativa de combater a inflação crescente. No ensino, pôde acompanhar de perto a retração de investimento público na educação e a expansão do ensino superior privado, para a formação de profissionais para ocupar os novos cargos diante da transformação do

mercado de trabalho. Era visível a necessidade do desenvolvimento científico e tecnológico como condição essencial para o futuro do país, o que o tornaria capaz de competir no conjunto de países avançados (NOGUEIRA, 2009).

Na saúde, acompanhou as mudanças decorrentes da Reforma Sanitária Brasileira que culminaram com a criação do Sistema de Único de Saúde (SUS) pela Constituição Federal de 1988, o que levou a uma grande expansão das ações e serviços de saúde e, com isso, a necessidade de formação de pessoal de enfermagem e de outros profissionais de saúde para estes serviços (FERNANDES, 1994; NORONHA; LEVCOVITZ, 1994; LIMA, 2005).

Podemos dizer que este período histórico é rico em fatos políticos, econômicos e sociais que podem ter trazido mudanças significativas para a formação de enfermeiros e equipe de enfermagem em geral. Em razão de sua experiência de gestão ter se dado em diferentes períodos históricos bem diferenciados, o texto poderá apresentar aspectos também diferenciados vividos pela personagem em cada instituição, como foi sua percepção acerca do momento histórico, político e econômico em que o país se encontrava.

A pesquisa vai apresentar os marcos construtivos deixados na enfermagem em cada instituição. Estas considerações nos levam ao problema de investigação desse estudo: a necessidade de preservar a memória construída pela professora Luci Mobilio Gomes Pinto como enfermeira por meio de sua história de vida.

De acordo com Alberti, Fernandes e Ferreira (2000), a história oral pode ser compreendida como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...]. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Tendo como **objeto de pesquisa** a trajetória de Luci Mobilio Gomes Pinto como contribuição para a enfermagem brasileira, delimitou-se o estudo e elencaram-se os seguintes **objetivos**:

- Descrever os elementos biográficos de Luci Mobilio Gomes Pinto da infância ao início de vida profissional;

- Analisar a trajetória da biografada nas instituições de ensino de enfermagem, por meio de suas principais ações e traços de permanência deixados nelas;
- Apresentar o legado de Luci Mobilio Gomes Pinto no âmbito da enfermagem.

Para comprovar este estudo, apoia-se em Padilha e Borenstein (2005) que entendem que um dos objetivos da investigação histórica é lançar luzes sobre o passado para que este possa clarear o presente.

Justifica-se este estudo também pela importância de contribuir para o fortalecimento da linha de pesquisa geral “O desenvolvimento da enfermagem brasileira” do projeto “Os Diretores da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto”, vinculado ao Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE) da UNIRIO. Tornando-se, assim, um desafio escrever sobre a trajetória de vida de Luci Mobilio Gomes Pinto e sua participação na direção e coordenação dos cursos de enfermagem e participação nas entidades de classe de docentes como a Associação de Docentes da UNIRIO (ADUNIRIO):

- Pelo exemplo de luta e dinamismo em prol da enfermagem.
- Pela contribuição e dedicação de mais de meio século de vida profissional na formação de centenas de enfermeiros.
- Pelo exemplo de liderança deixado aos professores que com ela conviveram e convivem.

São raros os documentos que possam preservar a memória da personagem, sendo de suma importância que seja destacada em sua trajetória de vida aspectos que possam vir a contribuir para o engrandecimento da profissão. O estudo visa colaborar com uma investigação que possibilitará adquirir informações até então desconhecidas, as quais, somadas às fontes primárias e secundárias de pesquisa, ajudarão na construção histórica da enfermagem nas instituições de ensino.

Quanto à relevância, o estudo busca fortalecer a área de conhecimento da História da Enfermagem para compreensão quanto a fenômeno social, político e cultural e; contribuir para o aprimoramento do ensino de história da enfermagem, pois produzirá fontes documentais orais, escritas e fotográficas que poderão ser consultadas por diversos pesquisadores, favorecendo a divulgação de informações ficando os registros disponíveis para acesso ao público.

Desta maneira, espera-se contribuir para história das instituições a partir da retrospectiva da personagem envolvida no processo e, conseqüentemente, o registro histórico destas instituições, pela inserção da história oral de vida de uma figura que ajudou a escrever e contribuir para a história da enfermagem com a sua atuação.

Para melhor organização desta dissertação, ela foi dividida em seções. Nesta primeira seção se abordou a introdução, objeto, objetivos e a justificativa do estudo.

A segunda seção apresenta a metodologia, destacando a questão da pesquisa segundo o método de história oral e a utilização da técnica de coleta de dados a partir da entrevista da história oral de vida proposta por Meihy e Ribeiro (2011). Destacam-se também os aspectos éticos da pesquisa.

A terceira seção foi destinada a apresentar o cenário sociopolítico e econômico do país, bem como o ensino e a prática social da enfermagem por períodos representativos.

Na quarta seção foi realizada a apresentação da biografada, do nascimento à chegada à EEAP, sua trajetória na instituição São Camilo, na Faculdade de Enfermagem Luiza de Mariac e Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo, a partir da entrevista e documentos oficiais, como o Curriculum Vitae, de onde foram retiradas algumas informações pessoais e profissionais da colaboradora. Também nesta seção, apresentou-se um pouco da história das instituições em que ela trabalhou. Deu-se destaque aos principais atos de gestão da biografada bem como se realizou uma breve contextualização sociopolítica e econômica do Brasil, de maneira a melhor compreendermos os depoimentos dela, para que não fiquem soltos como atos separados do contexto brasileiro mais geral.

Na quinta seção descreve-se o legado da colaboradora para a enfermagem em cada um dos campos nos distintos períodos. Em seguida, se apresenta a conclusão do estudo ou considerações finais e, em sequência, encontram-se os anexos necessários a melhor compreensão deste estudo.

O desafio de reconstituir a história oral de vida de Luci Mobilio Gomes Pinto permitiu conhecer e compreender aspectos significativos da trajetória na enfermagem e as histórias das instituições em que trabalhou. O estudo representa mais do que uma transcrição de depoimento contextualizado com fatos históricos, relata também o sentimento e as lembranças trazidas à memória, aos olhos da

personagem, remetendo-as aos tempos nos quais se dedicou à construção dos fatos que hoje relatamos.

SEÇÃO II

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de história oral de vida de cunho biográfico com abordagem qualitativa. A escolha de uma pesquisa que utiliza o método história oral de vida, deve-se ao fato de que a mesma valoriza a experiência no sentido mais amplo vivido pelo entrevistado.

O estudo qualitativo possibilita a investigação de fenômenos de subjetividade e intersubjetividade, aprofundando os significados de ações, comportamentos e relações humanas no que diz respeito ao envolvimento da personagem (PINSKY, 2005).

Meihy (2011) refere que a história oral de vida trata-se de uma narrativa de longo curso sobre aspectos continuados das experiências de pessoas. É uma narrativa com começo, meio e fim, desde a sua origem até a atualidade em que os principais momentos ganham uma lógica explicativa. Diferencia-se da biografia, porque não busca produzir apenas textos salientando fatos notáveis da vida do entrevistado, mas apoia-se em diversos documentos e na fala do entrevistado, mas na totalidade dos fatos levantados durante a entrevista.

A escolha do método história oral de vida, deve-se ao fato de que a mesma valoriza a experiência no sentido mais amplo vivido pelo entrevistado.

2.2 Período do estudo

A pesquisa foi efetivada entre os anos de 2013 a 2015, cuja delimitação temporal dos dados a serem coletados considerou o ano de nascimento da personagem investigada, 1941, e o ano de encerramento deste trabalho, 2015. Santos e Cerqueira (2009, p. 5) refere que ao se escolher um determinado período histórico, ele deve ser interrogado tanto em suas fontes, mas também com relação aos sujeitos que viveram esta história. Esta atividade de interrogar, segundo a autora, rompe uma “dominância temporal e nesse movimento faz uma falha que se inscreve no presente, produzindo assim uma ambivalência de tempos”.

2.3 Procedimentos metodológicos para a coleta de dados

Como técnica de coleta de dados utilizou-se a entrevista e a análise de documentos oficiais bem como de artigos e trabalho acadêmicos, como teses.

O uso dos documentos apoiou o entrevistador que pode ter maior conhecimento dos acontecimentos vividos pela personagem, facilitando a comunicação entrevistador-narrador. A entrevista, realizada segundo os moldes da história oral de vida, foi importante para fundamentar o documento final desta pesquisa. Apoiando-nos em Meihy (2011), pode-se dizer que se trata de uma pesquisa de história oral híbrida pelo fato da entrevista dialogar com outros documentos escritos.

Com relação ao uso de documentos, Rosa (2005) alerta que os pesquisadores devem ter muita cautela ao analisar as fontes, ou seja, ao analisar documentos. Todos eles devem ser questionados de maneira a se poder explorar dimensões que as legitimaram como documento. Importante ressaltar, ainda, que esse procedimento é cabível para as fontes tidas como oficiais e não oficiais. Desta maneira as fontes deixam de ser apenas palavras contidas em um papel, mas que seu processo de produção foi elaborada por sujeitos e, por isso, são carregadas de intencionalidade. Nesse sentido, cabem os questionamentos: Por quem? Como? Onde elas foram produzidas?

Para Knauss (2009, p. 14) “revisitar documentos históricos significa reafirmar a particularidade do presente diante de outros tempos”. Para o autor, “é na dialética presente/passado que os documentos históricos se definem”. Para tanto, foi realizada uma busca nos arquivos da EEAP, Biblioteca Nacional, Currículo Lattes e acervos pessoais da personagem e também nas instituições em que ela trabalhou. O acesso a determinados documentos foi possibilitado pela Lei n. 12.577/2011, que permite e garante o acesso de documentos e informações que estejam sob a guarda de órgãos públicos, em qualquer esfera e nível de governamental, por qualquer pessoa.

Com relação à entrevista, sua utilização deve-se ao fato de a mesma valorizar a fala, por ser reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos, representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas, transmitidas por meio de um porta voz (MINAYO, 2002).

O tipo de entrevista utilizado foi da “história oral de vida” dado o caráter mais objetivo deste estudo que é o de resgatar a memória construída pela Professora Luci Mobilio Gomes Pinto, por meio de sua biografia e de discutir a relevância da colaboradora na história das instituições de ensino, descrevendo suas principais ações e traços de permanência deixados em cada instituição (MEIHY; RIBEIRO, 2011). Esta entrevista procurou resgatar alguns fatos que marcaram a vida da entrevistada, desde a sua origem, passando pela infância, juventude até o momento em que se encontra o entrevistado.

A entrevista não seguiu necessariamente a cronologia da vida do entrevistado e sim valorizou a memória dos fatos vividos. Neste método, as perguntas devem ser abertas e colocadas em grandes blocos dando ao entrevistado autonomia para revelar os fatos sob sua ótica. A pesquisa oral de vida é uma forma de colocar o personagem como protagonista de seu próprio tempo (MEIHY, 2005).

Como relata Meihy e Ribeiro (2011, p. 23), o “entrevistado doa”, livremente, sua experiência em troca de registros de cunho amplo. Refere que é na entrevista que o pesquisador encontra o outro, sujeito de sua história, trazendo a sua própria lógica para os fatos. Os autores enfatizam que a entrevista, na pesquisa história, coloca o entrevistado numa posição para além de um mero “transmissor de informações” ou “testemunha” ou “fornecedor de dados”; valoriza-se, acima de tudo, o conceito de “colaboração”.

O conceito de “colaborador”, indicando o sujeito que vai ser entrevistado, e de “colaboração” é bastante enfatizado por Meihy e Ribeiro (2011, p. 25):

Colaboração ou “colaborador” são termos usados como resultado de propostas de um tipo de história oral que advoga a participação conveniada de partes que se dispõem a produzir um trabalho de pesquisa de fundo social. Nessa linha, “colaborador” é termo que supera outras referências como “atores sociais”, “informantes” ou “objeto de pesquisa”. O uso do conceito colaboração fundamenta-se em um procedimento ético e remete ao respeito com o entrevistado que não merece ser visto como “objeto”.

Para Amado e Ferreira (2006) a história oral funciona como ponte entre teoria e prática, ao estabelecer e ordenar os procedimentos de trabalho, tais como tipo de entrevista, as possibilidades de transcrição de depoimentos, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com o entrevistado e as influências disso sobre o trabalho.

A vantagem deste método para Debert (2001) é expressa através de duas possibilidades: a primeira é a produção de uma nova documentação e a segunda é o estabelecimento de um diálogo entre informantes e analistas, no qual é possível alcançar um ponto de inserção em que ambos possam compartilhar algo novo, que se apresenta pela primeira vez ao analista e se reapresenta ao informante, através de sua memória. Pois, mediante o relato das suas ações o depoente evoca imediatamente em sua memória emoções até então esquecida com o tempo.

2.4 Procedimentos para a realização da entrevista

Neste estudo optou-se por utilizar os passos sugeridos por Meihy e Ribeiro (2011, p. 103) para a realização da entrevista, que “deve ser vista como uma das etapas do projeto e, esta possui degraus que devem ser respeitados: a pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista”.

Na pré-entrevista torna-se necessário se estabelecer um contato prévio com o(s) sujeito(s), com o objetivo de esclarecer sobre o projeto de pesquisa e a participação do entrevistado na mesma. Neste estudo, este contato foi realizado a partir de conversas informais via telefone, e por *e-mail*, por meio dos quais foram informados os aspectos centrais do estudo e indagou-se se a entrevistada gostaria de participar.

A entrevista: De maneira a se ter maior fidelidade dos depoimentos na fase da entrevista, se utilizou de um gravador e um caderno de campo onde foram anotados aspectos e expressões da colaboradora, que não foram relatados durante a sua fala, pois de acordo com Meihy e Ribeiro (2011, p. 100) “seja qual for o gênero de história oral, o ato da entrevista se reveste de significado pessoal”.

Os autores sugerem que a entrevista seja realizada a partir de um roteiro, e devem-se utilizar blocos de perguntas estimulando o contato dialógico, respeitando-se sempre o fluxo narrativo e tendo o cuidado para não reduzir ou interromper a fala do colaborador. O local e horário da entrevista deve ser definido pelo colaborador e, se este solicitar, pode-se enviar antecipadamente o roteiro de questões para que ele tenha conhecimento prévio do tema que será abordado. Em se tratando deste estudo, o pesquisador informou ao entrevistado antecipadamente a composição das perguntas, conforme instrumento elaborado (Apêndice I).

Na pós-entrevista, deve-se devolver ao colaborador as transcrições da entrevista, para que ele aprove ou não o conteúdo. De acordo com Meihy e Ribeiro

(2011), se durante a leitura da transcrição o colaborador se lembrar de algum aspecto que seja relevante para a pesquisa deve-se pedir autorização para acrescentar este material ao conteúdo da transcrição. Às vezes é necessária mais de uma visita para se completar a fase da entrevista e da conferência das transcrições.

As entrevistas foram concedidas em dois momentos distintos, uma se deu no dia 9 de agosto de 2014, após termos marcado um encontro em um Shopping Center no bairro Tijuca, e outra entrevista se deu para complementar a primeira, na Faculdade Bezerra de Araújo, em Campo Grande, no dia 18 de novembro de 2014, ambas no município do Rio de Janeiro-RJ.

Meihy e Ribeiro recomendam (2011, p. 107) que, após a entrevista, tem-se um processo de trabalho parcelado em três fases: “transcrição, textualização e transcrição”. A fase **de transcrição**, ainda que trabalhosa, deve ser realizada com muito critério, pois é nesta fase que o autor inicia a análise preliminar da documentação escrita. Tudo o que foi gravado deverá ser transcrito de maneira a se aproximar ao máximo das intersubjetividades, daí ser tão importante transcrever as reticências, palavras ditas erradas, ou silêncios repentinos, interjeições.

Na textualização, os autores (2011, p. 110-112) referem que se deve procurar uma frase que será utilizada como um guia para toda leitura, como um “farol a guiar a percepção do trabalho”. Estas frases ou palavras devem ser grifadas em todo texto, com a finalidade do conteúdo transcrito não ser apenas uma junção de palavras, mas procurando dar ao texto um novo olhar, “uma nova lógica em que as ideias sejam privilegiadas em detrimento da transcrição de um discurso. Nesta fase se excluem as palavras sem peso semântico (já, né, então) e também subtraem-se as perguntas”.

A última fase, a **da transcrição**, corresponde à transcrição final do texto, admitindo-se que nesta fase há interferência do autor no texto. A intenção é recriar um texto, onde a atmosfera, o contexto e as anotações realizadas no caderno de campo sejam todas incorporadas, recriando-se a atmosfera da entrevista, procurando trazer ao leitor as sensações que ocorreram entre o autor e o colaborador. O texto depois de feito deve ser apresentado ao colaborador de maneira a validar a narrativa, conhecendo e aprovando qual a ordem que vai ser dada a sua narrativa.

Validar uma narrativa é ato de respeito e atitude de maturidade de oralistas. Nela, confere-se o texto produzido por meio do diálogo, desde o primeiro contato verifica-se e corrigem-se possíveis erros e enganos, legitima-se esse trabalho de interação de forma não hierarquizada e se valida a possibilidade de produção de conhecimento a partir do documento gerado (MEIHY e RIBEIRO, 2011).

Para Ribeiro e Amorim (2004), os depoimentos das entrevistas tornam-se, desta forma, fontes primárias, pois na história oral a documentação oral tem o mesmo valor das fontes escritas, onde se utiliza o produto da entrevista como um documento capaz de atender a necessidade de esclarecimento da pesquisa.

2.5 Tratamento final dos dados

Depois de elaborada a transcrição e a narrativa final da entrevista, poderemos dela destacar os fatos que mais se aproximam dos objetivos deste estudo. Retomando os objetivos, a própria transcrição já fornece material para a apresentação dos resultados, e também para o alcance do primeiro objetivo, qual seja: descrever os elementos biográficos de Luci Mobilio Gomes Pinto da infância ao início de vida profissional.

O segundo e o terceiro objetivos - analisar a trajetória da biografada nas instituições de ensino de enfermagem, por meio de suas principais ações e traços de permanência deixados nelas e; apresentar o legado de Luci Mobilio Gomes Pinto no âmbito da enfermagem - foram alcançados a partir da discussão dos achados, apoiados nos referenciais teóricos que revelam como estava a enfermagem e o ensino de enfermagem naquele determinado contexto histórico. Para a realização desta análise, se utilizou de frases e ou palavras que foram destacadas no texto da entrevista, durante a fase de textualização. Estas expressões em destaque se constituíram em um excelente material para a elaboração das categorias de análise.

2.6 Aspectos éticos da pesquisa

Para garantir a confiabilidade e credibilidade do conteúdo da entrevista conforme foram transcritas e revisadas, o material foi entregue a colaboradora para apreciação e aceitação para publicação. Para realização da coleta de dados foi solicitada a autorização da colaboradora e também da EEAP, eo projeto de pesquisa foi encaminhado para apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNIRIO,

o qual obteve aprovação através de CAAE nº 31647014.2.0000.5285 (Apêndice III), respeitando-se, portanto, os aspectos éticos da pesquisa que envolve seres humanos em acordo à Resolução 446/12, do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, a entrevistada assinou o Termo de Autorização do Uso de Imagem e Depoimento para que seu depoimento pudesse ser doado ao LAPHE da UNIRIO e disponível para consulta pública (Apêndice IV).

Em relação à participação da pesquisa, a depoente assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no Apêndice V, cujo conteúdo orienta quanto ao objetivo do estudo; a possibilidade de desistência em caso de desconforto; as contribuições que poderão advir do estudo, que serão exclusivamente utilizadas para fins de pesquisa e publicação de artigos científicos; as informações fornecidas serão de uso exclusivo para fins de pesquisa; ausência de custos (remuneração ou pagamento) relacionados à participação na pesquisa e; liberdade de desistir de sua participação no decorrer do estudo. A posteriori, a entrevista será doada para arquivo do LAPHE/UNIRIO, e será depositada no Arquivo Setorial da Enfermagem Maria de Castro Pamphiro, ficando disponível para acesso de alunos, pesquisadores, professores e pessoas afins. O intuito é ter um espaço para a representação de um lugar de memória, dentro da própria instituição, para a recuperação, organização e disponibilidade de depoimentos dos profissionais mais marcantes dentro da EEAP e também acesso a documentos institucionais e textuais existentes.

SEÇÃO III

3. DESCRREVENDO O CENÁRIO SOCIOPOLÍTICO E ECONÔMICO DO PAÍS E O ENSINO E PRÁTICA SOCIAL DA ENFERMAGEM

3.1 Década de 1960: a ditadura militar e reflexões na saúde e na enfermagem

No Brasil, a década de 1960 sofreu grandes transformações provocadas principalmente pela ditadura militar que se instaurou em 1964. Houve uma grande expansão da indústria e economia, impulsionadas pelo “milagre econômico” até meados de 1970 e aconteceu um conjunto de reformas estruturais da economia e da sociedade com concentração de poder, no governo militar.

Para Bruno (2012), foi nesta década que os gastos com a saúde aumentaram muito e, apesar da preocupação com a racionalidade dos gastos, foi mantida prioritariamente a assistência curativa e individual em detrimento das ações ditas coletivas e preventivas. Além da política de restrição do governo militar, grandes foram as lutas políticas, em todo país, em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Santos e Cerqueira (2009) referem que a LDB, votada em 1961, foi criada com o objetivo de atender as propostas dos “setores privatistas e conservadores”, tendo como destaque para a enfermagem que os currículos deveriam ter um ciclo básico antes das disciplinas de formação profissional, colegiados com representação discente e docente, o estímulo a pesquisa e qualificação pela Coordenação de Apoio ao Pessoal de Nível Superior (Capes) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o regime em tempo integral para docentes.

Os autores supracitados (2009, p. 5) complementam que se determina “um currículo mínimo para o ensino das carreiras universitárias no Brasil e entre elas, inclui-se a Enfermagem”, que segundo as determinações do Conselho Federal de Educação (CFE) de 1962, o mesmo deveria acontecer em três anos. O destaque era um enfoque para as disciplinas clínicas de caráter curativo, buscando preparar os enfermeiros para o mercado de trabalho com foco no atendimento hospitalar.

Destacam Galleguillos e Oliveira (2001, p. 82) que, segundo o Parecer CFE nº 271/62, para a conformação deste primeiro currículo mínimo para os cursos de Enfermagem, contou-se com a participação da Comissão de Peritos de Enfermagem nomeada pelo Ministro da Educação e Cultura (MEC), da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), entidades de classe dos enfermeiros que lutam em prol da educação da enfermagem e mais 19 escolas de enfermagem do país. O interessante é que, apesar de existir esta comissão formada por enfermeiros, o CFE aceitou as sugestões de uma comissão formada por três médicos, que resultou na publicação do Parecer n.271/62, o qual ao regulamentar um currículo mínimo para a enfermagem, “reduziu a duração do curso para três anos, introduziu especializações num quarto ano optativo e eliminou a disciplina de Enfermagem em Saúde Pública”.

Diante do quadro sócio, político, econômico da década de 1960, em que na saúde priorizava-se a rede hospitalar e o tratamento individual e curativo, era de se esperar que o ensino da prática da enfermagem também fosse realizado prioritariamente nos hospitais. Para Bruno (2012), a rede hospitalar em franca expansão trouxe diversas transformações e inovações científicas e tecnológicas na assistência à saúde, impulsionando o desenvolvimento neste setor, influenciando na organização e funcionamento de hospitais gerais e de hospitais especializados, que modificaram suas práticas assistenciais voltadas aos pacientes.

Complementa Barreira (2005, p. 486) que:

tais mudanças exigiram o desenvolvimento de novos modelos de prestação de serviços de saúde e demandaram o surgimento de novos perfis profissionais de enfermeira. [...] também se aprofunda a divisão do processo de trabalho em saúde, tanto horizontalmente, com o surgimento de carreiras “paramédicas”, como verticalmente no interior da enfermagem, pela oficialização dos cursos de auxiliares de enfermagem.

Outro aspecto também importante neste contexto foi a regulamentação das atribuições de enfermeiros, auxiliares e técnicos de enfermagem, consolidando a divisão social do trabalho, ficando o enfermeiro com a parte mais administrativa e a docência e o auxiliar de enfermagem com a prática direta do cuidado.

Para Bartmann (1997, p. 19-20), em documento elaborado para o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), verifica-se que para atender a necessidade de mão de obra nos hospitais em expansão houve necessidade de contratação de diferentes profissionais na área de enfermagem. Desta maneira, o ensino da enfermagem teve que ser regulamentado, o que ocorreu mediante a Lei nº 775/49.

Tal lei, “procurando atender o enfoque assistencial curativo, deu destaque às ciências físicas e biológicas e às disciplinas que preparavam especificamente para o desempenho da função”. Definiu também, que para cursar enfermagem, era necessário ter concluído o curso secundário, e para cursar Auxiliar de Enfermagem bastava o curso primário.

A mesma autora refere que a ampliação do mercado de trabalho, além de fazer crescer as escolas de Enfermagem e de auxiliares, fez com que crescesse a população de profissionais, de tal modo que o exercício da profissão precisou ser regulamentado novamente, o que ocorreu por meio da Lei nº 2.604/55. Essa Lei reconhece oficialmente, pela primeira vez, o auxiliar de enfermagem como componente da equipe de enfermagem. As escolas médias criadas pela LDB de 1961 foi que deram origem ao curso profissionalizante de técnico em enfermagem. O primeiro deles foi criado pela Escola de Enfermagem Anna Néry (EEAN) e aprovado pelo Parecer nº 171/66. A partir de então a enfermagem passou a ter três níveis profissionais.

Para Silveira e Paiva (2011, p. 80) o ensino de enfermagem, na busca de atender as necessidades do mercado de trabalho, reforçou a “fragmentação e a subdivisão do trabalho na área, a separação excludente entre os que executavam o processo produtivo e os que se beneficiavam dele, os que administravam e os que executavam”. Aos enfermeiros couberam os aspectos gerenciais, de planejamento e ensino, dedicando-se ao trabalho intelectual e delegando aos técnicos e auxiliares de enfermagem o cuidado direto ao paciente.

3.2 Década de 1970: o milagre econômico e suas repercussões na saúde e na enfermagem

Na década de 1970, no país, continuavam acontecendo mudanças na estrutura social, período marcado principalmente pela política nacional do militarismo, os avanços tecnológicos e o progresso científico. O Brasil passava por uma forte crise financeira, em que os profissionais da classe operária cresciam em grande número, em parte devido ao crescimento das indústrias nos grandes centros

urbanos, em contrapartida a classe média era reduzida aos poucos (GEOVANINI et al., 1995).

Neste período, não se pode deixar de destacar a importância do chamado Movimento Sanitário. Para Cordeiro (1991) e Mendes (1993), esse movimento visava não somente contribuir para a produção de um novo conhecimento a partir de estudos e pesquisas sobre o sistema de saúde conduzido pelas universidades, pela Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO) e pelo Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (CEBES), mas, sobretudo, aliar esta produção científica à difusão ideológica de uma nova consciência sanitária. Esses grupos, de acordo com a sua inserção nas instituições, procuraram difundir o ideário de que a saúde é histórica, condicionada a políticas sociais, e de que a participação comunitária seria uma das estratégias de transformação do modelo privado, curativo e individual que predominava no Brasil.

Em 1975 foi criada a Lei nº 6.229 do Sistema Nacional de Saúde, com um modelo assistencial que incumbe a Previdência Social como responsável pela assistência individual e coletiva, ficando a cargo do MS os cuidados preventivos de abrangência a toda a população (Geovanini et al., 1995).

Destaca-se, neste período, a participação ativa da Prof. Luci Mobilo Gomes Pinto nestas mudanças, pois em 1976 tornou-se membro da Comissão para coordenar a eleição de representantes estudantis da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO. Barros, Porto e Moreira (2004) destacam que a gestão da Profª Luci Moblio Gomes Pinto foi condizente com o momento pelo qual passava o Brasil, conferindo muita liberdade de expressão aos discentes.

Em 1977, em assembleia na Organização Mundial da Saúde (OMS), é elaborada uma resolução na qual se estabelece como meta a “Saúde para todos no ano 2000”, dando um caráter universal a cobertura de saúde. Em 1978 a declaração de Alma-Ata afirma que, para alcançar esta meta, a atenção primária é a estratégia chave principalmente no atendimento universalizado, incluindo-se as áreas rurais. Desta maneira, procurava-se diminuir as desigualdades com relação à assistência à saúde, que até o momento privilegiava apenas a classe trabalhadora formalmente inserida no mercado de trabalho (CORDEIRO, 1991; VIANA, 1995).

Com relação ao ensino de enfermagem, Silveira e Paiva (2011, p. 180) referem que nas décadas de 1970 e 1980 ocorreu um período de expansão de

profissionais de enfermagem, em decorrência da ampliação do “número de escolas e à implantação de cursos de pós-graduação”.

Galleguillos e Oliveira (2001) trazem para reflexões os debates que ocorreram na enfermagem a partir do Parecer 163/72, ocasião em que foi tirada do ciclo de formação profissional de enfermagem a disciplina de saúde pública criando, assim, as habilitações em Enfermagem Obstetrícia, Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem de Saúde Pública. Estas habilitações poderiam ser realizadas após a formação da graduação em enfermagem. Complementam dizendo que o currículo mínimo de 1972 foi bastante questionado por docentes enfermeiros com relação:

...à ênfase dada ao modelo hospitalar, à especialização precoce decorrente das habilitações e à denominação composta para designar o curso (Enfermagem e Obstetrícia). Tais questões foram resgatadas nas discussões posteriores que subsidiaram a elaboração do currículo mínimo de 1994 (Galleguillos e Oliveira (2001 p.83).

Vietta; Uehara; Silva Netto (1996) também se posicionam em relação ao Parecer 163/72, enfatizando que a exclusão do ensino de enfermagem de saúde pública do tronco profissional comum veio favorecer um perfil de profissional capacitado para realizar uma assistência voltada ao atendimento hospitalar, com finalidade de atender uma determinada política de saúde e as exigências do mercado de trabalho.

Esses autores destacam também que foi na década de 1970 a criação da pós-graduação “stricto sensu” em enfermagem, sendo que a primeira foi implantada pela EEAN da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1972, na modalidade mestrado. A segunda em 1973, com o curso de mestrado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) e, logo no ano seguinte, em 1974, o primeiro mestrado em psiquiatria da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Finalizam trazendo a importância para a assistência de enfermagem das teóricas de enfermagem e de suas teorias com destaque para Orem (1971), King (1971), Leininger (1978) e Roy (1976); e, no Brasil, Wanda Horta, com sua teoria das necessidades humanas, apresentada no XXI Congresso Brasileiro de Enfermagem em São Paulo.

Acompanhando estas mudanças, no ano de 1972, a Prof. Luci Móbilto Pinto Gomes iniciou, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, o Curso de Licenciatura em

Enfermagem, tendo como sua primeira coordenadora a professora Simone Fomn Rivera, o que demonstra os movimentos de mudanças que ocorriam no período.

Fato importante desta década foi a criação, em 1973, do COFEN e dos Conselhos Regionais de Enfermagem (COREN), conforme Lei nº 5.905-73, as quais são entidades disciplinadoras do exercício profissional; autarquias vinculadas ao Ministério do Trabalho. A ABEn, tem por objetivo o desenvolvimento da educação na enfermagem (VIETTA; UEHARA; SILVA NETTO, 1996).

3.3 Década de 1980: a democratização do país e a Reforma Sanitária impulsionam mudanças na saúde e na enfermagem

A década de 1980 chegou trazendo mudanças significativas para a saúde no âmbito das políticas e do ensino. O Presidente do Brasil entre os anos de 1983 a 1985 era João Batista de Figueiredo, eleito pelo Congresso Nacional, sendo o último presidente do período da ditadura militar. Seu governo foi marcado pela continuação da abertura política já iniciada em sua gestão, pela grave crise econômica que se abateu sobre o Brasil e no mundo com taxas de inflação da ordem de 200% ao ano no Brasil. Em 1983 deu-se o início da campanha “diretas já”, que reivindicava eleições diretas para Presidente no Brasil (GERMANO, 1992).

A reivindicação do clamor popular via campanha "diretas já" não foi aceita pelo Congresso Nacional, sendo eleito pelo Colégio Eleitoral para Presidente da República, no ano de 1985, Tancredo Neves, sem a participação popular. Este faleceu sem tomar posse do cargo, assumindo em seu lugar José Sarney. A partir de 1985 o Brasil começava a caminhar rumo à democracia (GERMANO, 1992).

Apesar dos avanços na política e também nas políticas de saúde, quando foi formulado em 1981 o Conselho Consultivo da Administração Previdenciária – (CONASP), cuja finalidade era dar uma resposta à crise por meio da reorientação da assistência médica, melhorar a utilização do setor público e diminuir o volume de gastos, as ações de saúde não conseguiam superar o modelo assistencial de caráter curativo (VIANA, 1995). Para avançar estas propostas decidiu-se convocar a VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1986. Essa conferência, segundo Mendes (1993, p. 42), “constituiu o momento apical de formatação político-ideológica do projeto da Reforma Sanitária Brasileira, expresso no seu relatório final”.

Em 1988 foi promulgada a Constituição Brasileira que reconhece a saúde como um direito civil, ou seja, como um direito do cidadão e dever do Estado. Entende que esta tem como fatores determinantes e condicionantes o meio físico (ambiente, habitação, saneamento etc.), o meio socioeconômico e cultural (ocupação, renda, alimentação, educação etc.), e a oportunidade de acesso a serviços e ações que configurem a integralidade da assistência. Baseado nesses princípios criou-se o Sistema Único de Saúde (SUS), definido no art. nº 198 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), como:

...Uma rede de ações e serviços públicos de saúde regionalizada e hierarquizada e organizada de acordo com as seguintes diretrizes: descentralização com direção única em cada esfera de governo, a fim de proporcionar atendimento integral, com prioridade nas medidas preventivas, mas sem prejuízo das assistenciais e participação comunitária.

Com relação ao ensino, Galleguillos e Oliveira (2001) destacam que, seguindo o fluxo das mudanças ligadas a redemocratização do Brasil, na Enfermagem houve a necessidade da realização de uma reforma na prática profissional, para acompanhar as mudanças trazidas pelo modelo assistencial propostas pelo SUS. Mas a reforma curricular somente viria a acontecer em 1994. A mudança atingiu também a ABEn com a eleição de uma nova direção alicerçada nos princípios da Reforma Sanitária. Para os autores:

...A definição de novas diretrizes educacionais para a enfermagem demandava a incorporação de conteúdos que proporcionassem o exercício de novas atribuições para atender as necessidades sociais. Intensificaram-se as críticas ao currículo vigente, destacando-se a exclusão do ensino da saúde pública do tronco profissional comum (Galleguillos e Oliveira (2001 p. 83-84).

Um fato interessante desta década foi que houve uma estagnação no ensino superior, reflexo da crise econômica que atingiu o país e que teve maior repercussão no setor privado. Houve uma forte pressão para a abertura de cursos de enfermagem noturnos, de maneira que os profissionais pudessem trabalhar para pagar os estudos, havendo resistência do setor público (SANTOS; CERQUEIRA, 2009).

Já Silveira e Paiva (2011, p. 181) trazem para reflexões a prática da enfermagem, relatando que na década de 1980 houve certa dicotomia no fazer da enfermagem, pois, se de um lado esta prática se especializava com conhecimentos médicos hospitalares de maneira a acompanhar “uma tecnologia de alta

complexidade e avanços no diagnóstico e tratamento precoce das doenças”, de outro lado, com o aumento da oferta de serviços na rede básica de saúde, houve necessidade de capacitação da enfermagem para atender esta demanda crescente da população. Para os autores (2011, p. 181):

...A enfermagem, nesse contexto, passou a ocupar duas posições distintas: enquanto um contingente significativo de profissionais especializou-se cada vez mais para atender às expectativas médico-hospitalares, outro grupo, mais reduzido, sinaliza na direção do resgate da Saúde Pública visando à prevenção das necessidades de saúde da população. Essa última postura da enfermagem incentiva a manutenção da multidisciplinaridade e tem como objetivo o cuidado da saúde do ser humano de modo integral.

Lima (2005) refere que uma nova fase no ensino superior brasileiro surgiu a partir dos anos 1980, que conciliava a exigência da formação profissional com habilidades diversificadas com novos conhecimentos e a necessidade do mercado de trabalho de profissionais qualificados. Diante desta nova perspectiva, as instituições de ensino buscaram, a partir de mudanças em seus currículos, preparar um profissional que fosse mais generalista e que viesse a atender tanto as necessidades do novo modelo de atenção à saúde que preconizava a prevenção das doenças e as ações coletivas quanto àquelas voltadas ao tratamento individual, à cura e aos procedimentos hospitalares.

Com relação a Prof. Luci Mobilo Pinto Gomes, em 1980 ela concluiu o curso de Mestrado em Ciências da Enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery UFRJ, acompanhando as mudanças exigidas pelos órgãos de fomento (CAPES e Cnpq), desde a década de 1970, com a criação dos mestrados em enfermagem.

Mostrando o alinhamento da EEAP com as políticas de saúde propostas pelo SUS, em 1989, a colaboradora foi eleita Sub-Chefe do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da UNIRIO, com vistas a preparar o profissional enfermeiro para o desenvolvimento de sua prática na rede de atenção básica.

3.4 Década de 1990: as dificuldades na implantação do modelo assistencial e as mudanças na saúde e na enfermagem

Em 1990 é eleito Presidente da República, Fernando Collor de Mello via voto popular, após a ditadura militar. Depois da eleição do Presidente Collor, na saúde, iniciou-se um processo de ruptura no processo contínuo de maturação da Reforma Sanitária, com a aprovação das leis que regulamentam o SUS, não mais sob o

impacto da Constituição Federal de 1988, mas sob a forte influência do perfil político e ideológico de cunho neoliberal do governo Collor. As novas propostas, de acordo com o ideal neoliberal eram: privatizar, diminuir o tamanho do Estado e a oferta das políticas sociais, e focalizar a assistência aos grupos específicos (SOARES, 1995).

Em 1990, a Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990, regula em todo território nacional as ações e serviços de saúde e entende que a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício. Também neste ano, em 28 de dezembro 1990, foi garantida, através da Lei nº 8142, a participação da comunidade na gestão do SUS, através dos Conselhos de Saúde ambulatoriais (BRASIL, 1990a; 1990b).

Em 1991 foi criado o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), formulado com o objetivo de diminuir os índices de mortalidade infantil e de mortalidade materna, através da extensão da cobertura dos serviços de saúde para as regiões mais pobres, utilizando como trabalhadores da saúde moradores da região, que foram treinados para desenvolver atividades de prevenção e de promoção à saúde (VIANA; DAL POZ, 2005).

Fato importante deste período foi a criação e implantação do Programa da Saúde da Família (PSF), em 1994, com o objetivo de fazê-lo um instrumento de reorganização do SUS, sendo, portanto, uma estratégia e não mais um programa verticalizado. Neste documento foram definidas a área de abrangência do programa (800 a 1000 famílias); a equipe constituída por um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e quatro a seis agentes comunitários de saúde; a forma de remuneração que deveria ser diferenciada; o regime de trabalho em dedicação exclusiva; o âmbito de atenção integral e contínua a todos os membros de cada família, além da atenção à demanda espontânea organizada e gerada pelas ações educativas e coletivas, além da efetivação do controle social (VIANA; DAL PAZ, 2005).

A partir desta data, a produção acadêmica realizando reflexões e críticas sobre os impasses e perspectivas na implantação das diretrizes e princípios do SUS; os problemas de financiamento com o setor saúde, a falta de capacitação e atualização dos profissionais de saúde para desenvolver suas práticas neste novo modelo (dentre outros), levaram o Ministério da Saúde (M.S) a elaborar diversos materiais educativos, bem como publicar normas e diretrizes para a Atenção Básica,

capazes de produzir mudanças nas práticas dos trabalhadores e no modelo assistencial (BRASIL, 2012).

Na educação, Silveira e Paiva (2011) referem que a LDB, a partir de 1998, deu continuidade as discussões a respeito de inovações e mudanças nos currículos, com a finalidade de “reestruturação dos cursos de graduação, com a extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes curriculares específicas para cada curso”. Complementam as autoras (p.181) que:

...publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Graduação em Enfermagem através da Resolução n.º 3, de 7 de novembro de 2001, definiu os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em enfermagem das instituições de Ensino Superior. As DCNs estabeleceram o perfil de formação do egresso como enfermeiro generalista, humanista, crítico e reflexivo, qualificado para o exercício de enfermagem com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, com capacidade de conhecer e atuar sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional.

Este novo currículo traz como foco da assistência a integralidade, a humanização, o vínculo com os usuários, a importância do trabalho em equipe, a competência técnico-científica, com um perfil profissional coerente com o modelo assistencial do SUS e viabilizado a partir da Estratégia Saúde da Família (ESF). Para a formação deste profissional, além das mudanças nos conteúdos, havia também a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas.

Baptista e Barreira (2006) refere que as instituições de ensino superior (IES) deveriam organizar um currículo com no mínimo 4.000 horas-aula, desenvolvido em oito semestres letivos. O estágio curricular supervisionado deveria ter no mínimo 500 horas, ser supervisionado por um professor da IES, incluindo neste processo de ensino-aprendizado os enfermeiros dos serviços de saúde.

Silveira e Paiva (2011) destacam que a Resolução CNE/CES n.º 4, de 6 de abril de 2009, veio trazer novas mudanças nos currículos de enfermagem, ao instituir a carga horária mínima para diversos cursos de graduação na área da saúde, entre eles o de enfermagem, que ficou determinada em 4000 horas, desenvolvidas em 10 semestres letivos, “não se alterando os outros dispositivos da DCN”.

SEÇÃO IV

4 A HISTÓRIA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO

Não poderia descrever a história de Luci Mobilio Gomes Pinto sem primeiro descrever a história da EEAP, pois grande parte da sua vida a colaboradora passou dentro desta instituição.

A criação da EEAP, antiga Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, surgiu após a grande crise de profissionais que resultou na saída das irmãs de caridade que cuidavam dos pacientes internados no Hospício Nacional de Alienados (MOREIRA, 1990, p. 41).

As irmãs de caridade foram substituídas por enfermeiras francesas, que permaneceram na instituição entre os anos de 1891 a 1894. A contratação dessas enfermeiras justificou-se em razão do Brasil adotar o mesmo modelo de tratamento psiquiátrico que a França. Até então não havia escola que capacitasse enfermeiros para exercer a função no Hospício Nacional de Alienados e Hospitais Civis e Militares do Rio de Janeiro, então Capital da República. E, com esse objetivo, Assim, foi criada a Primeira Escola de Enfermagem no Brasil, denominada Escola de Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, em 27 de setembro de 1890, por Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República, dando-se início da profissionalização da enfermagem no Brasil (FIGUEIREDO, 2010).

Em setembro de 1921, o novo regimento da escola foi aprovado, estabelecendo-se três sessões: feminina, masculina e mista. A seção feminina, por ter sido patrocinada pelo Dr. Alfredo Pinto Vieira de Melo, então ministro da Justiça e Negócios Interiores, recebeu o nome de Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (FIGUEIREDO, 2010).

A referida escola teve como primeiro diretor, em 1890, Dr. João Carlos Teixeira Brandão. Desde então ela teve vários diretores dentre os quais, em 1943, a enfermeira Maria de Castro Pamhiro, primeira mulher a assumir esse cargo.

Com o passar dos anos a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras sofreu várias mudanças, tendo sempre como objetivo formar enfermeiros de qualidade e competência, compondo o seu corpo docente e administrativo com profissionais do mais alto gabarito profissional. De acordo com Figueiredo (2010, p.

136-138): “A história do curso de enfermagem da EEAP se confunde com a história da saúde do Brasil”.

Atualmente, a instituição tem o nome de ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO e está inserida, desde a Reforma Universitária, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Uma das dirigentes desta escola foi Luci Mobilio Gomes Pinto, a colaboradora principal desse estudo; cujos dados biográficos estão destacados a seguir.

4.1 Apresentação da personagem – aspectos biográficos e circunstância do primeiro emprego

Figura 1. Luci Mobilio Pinto Gomes em foto. Rio de Janeiro, 1990.



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes, 1990.

A fotografia acima pode ser entendida como posada, de formato retangular. Nela, temos Luci Mobilio Gomes Pinto, de pé com blusa de listras verde, sorridente no dia de sua posse como diretora da EEAP, em janeiro de 1990, conforme legenda encontrada na parte posterior da foto. O local da fotografia foi o Departamento de Enfermagem Saúde Pública da EEAP, tendo ao fundo a janela voltada para um morro na Praia Vermelha.

Neste capítulo, cujos dados foram gerados através da entrevista e de artigos, livros e teses pesquisados, faz-se a apresentação da colaboradora.

Luci Mobilio Gomes Pinto nasceu em 7 de outubro de 1941 na cidade do Rio de Janeiro, sendo a única filha do casal Gabriel Mobilio e Hosmana de Oliveira Mobilio.

Aos três anos de idade seu pai faleceu de tuberculose pulmonar, sendo doença predominante na década de 1940. Três anos após a morte de seu pai, sua mãe lhe presenteou com um pai adotivo, Sr. José Rocha da Silva Filho que, segundo a entrevistada, *“era um pai enérgico, mas muito amigo, conselheiro, que esteve ao meu lado todos os momentos da minha vida”*.

De acordo com Barros, Porto e Moreira (2004), que também fez um trabalho de conclusão de curso que versava sobre a memória de Luci Mobilio Gomes Pinto na direção da EEAP (1990-1992), quando criança estudou no Instituto Menino Jesus até a 4ª série primária, e concluiu o ensino médio, em 1958, no Colégio Sul Americano no Méier, zona norte do Rio de Janeiro, bairro considerado nobre à época.

Após um pacto entre três adolescentes amigas do colegial, decidiu que iria fazer o curso de enfermagem, sendo este pacto cumprido somente por Luci Mobilio Gomes Pinto. Ao escolher esse curso sofreu preconceito da família por conta da escolha profissional.

Ingressou como acadêmica na EEAP em 7 de março de 1960, durante a direção da professora enfermeira Lidia das Dores Matta, que teve sua gestão durante os anos de 1957 a 1961. Fez a opção de ficar no internato por ser filha única, condição que a fazia se sentir solitária, almejando conviver com pessoas da mesma idade. Na sua turma de iniciantes havia 50 alunos matriculados naquele período, dos quais apenas 25 concluíram o curso.

Em fevereiro de 1963, durante a direção da professora enfermeira Clélea Pontes, que teve sua gestão durante os anos 1961 a 1969, concluiu o curso de enfermagem (MOREIRA, 1990). Tal curso primava pela excelência do ensino, e exigia dedicação de tempo integral dos estudos por parte dos alunos.

Tanto no ensino como no internato, os alunos usavam uniformes e passavam por períodos de aula de até dez horas diárias de aula. Segundo Luci Mobilio Gomes

Pinto, o curso era muito intensivo e cansativo, era distribuído entre disciplinas básicas e técnicas de enfermagem, com provas técnicas quase que quinzenais.

“Quem não estudava na sala de técnica após as aulas, corria o risco de ficar reprovada”.

Relata a colaboradora com relação ao curso de enfermagem que:

“O curso era composto de alunos do sexo feminino e masculino. Considero que foi um dos melhores tempos da minha vida o tempo que estudei na EEAP, da qual guardo grandes lembranças até hoje, como das colegas de curso, dos professores e das bagunças que fazíamos.”

Tinha como chefe da disciplina a Professora Anna Grijó, que era rígida como docente. Na EEAP tinha como campo de estágio o Hospital dos Servidores do Estado (HSE) onde relata ter colocado em prática tudo que aprendeu durante as aulas teóricas.

“Muitas das vezes tinha que pegar o ônibus Copacabana Servidores porque estava alimentando o paciente sob minha responsabilidade e o Belo Antônio (como era chamado ônibus da EEAP) que partia da porta do HSE por ordem das professoras responsáveis em acompanhar os alunos durante as os estágios, dentre elas estavam as Professora Zélia Sena Costa, Elita Silveira, Anna Grijó.”

Também conta que o nível de responsabilidade e cobrança era muito grande em relação à ética, postura profissional e conhecimento científico.

“Nada passava despercebido das docentes, os alunos deveriam ter um uniforme impecável, material de bolso, caderninho.”

No período em que foi estudante relata que só permanecia no curso quem realmente tinha convicção que queria ser enfermeira, pois a rigidez era muito grande.

A Prof^a Luci acompanhou, no Brasil, na década de 1960, as grandes transformações provocadas principalmente pela ditadura militar que se instaurou em 1964. Houve uma grande expansão da indústria e economia, impulsionadas pelo “milagre econômico” até meados de 1970 e aconteceu um conjunto de reformas

estruturais da economia e da sociedade com concentração de poder, no governo militar.

De acordo com Kletemberg et al (2010, p. 30):

...a enfermeira dos anos 60 viu-se pressionada por cobranças contraditórias das universidades, da prática assistencial hospitalar e da lei do exercício profissional. De um lado, o ensino sofreu mudança radical, preconizando, dentre suas atribuições, o planejamento do cuidado prestado, em dicotomia com a legislação profissional, que definia como suas atribuições a administração, supervisão e ensino.

Podemos constatar com o que foi dito acima e enfatizado por Bruno (2012, p. 32) que a realidade da prática da Enfermagem, “desenvolveu-se por meio de lutas de associações de classe, tendo como premissa a necessidade de se conquistar mais espaço social e mais reconhecimento legal para a posição da enfermagem”.

A este respeito, a colaboradora faz um relato interessante sobre como era percebida socialmente a enfermagem no Brasil, o que fazia com que muitas famílias não permitissem que suas filhas escolhessem esta profissão:

“A primeira barreira que enfrentei foi com a minha mãe, mas tive apoio do meu pai; dizia minha mãe que a profissão de enfermeira não era bem vista na sociedade (que enfermeira era a amante de médico). Como tinha apoio e estava decidida a fazer o curso, nada foi motivo de retroceder na minha decisão.”

Nos primeiros períodos do curso de enfermagem na EEAP, Luci Mobílio Gomes Pinto conheceu Thiago Gomes Pinto que também era estudante de enfermagem de período anterior ao seu, que logo se encantou pelo jovem. Depois de formados, casaram-se em 19 de março de 1963 e tiveram dois filhos: o primogênito, José Marcelo Gomes Pinto, nasceu em 11 de março de 1964 e; Ana Claudia Gomes Pinto que nasceu em 4 de agosto de 1970. Desse casal de filhos nasceram quatro netos: Kelly Rafael Gomes Pinto, Marcel Rafael Gomes Pinto, Bruno M. Gomes Pinto e Ana Carolina M. Gomes Pinto.

A colaboradora chamou atenção que estudou em uma escola mista, por haver outras escolas onde se aceitavam apenas mulheres. Relata ainda que:

“Meu tempo de estudante na EEAP considero que foi um dos melhores de minha vida, guardo saudades até hoje, das colegas, dos professores e das bagunças que fazíamos.”

Esteve afastada das do exercício da enfermagem durante os anos de 1963 a 1966 para dedicar-se a maternidade. Entretanto, a vontade de trabalhar na enfermagem fez com que em 1 de junho de 1966 retornasse a EEAP já como profissional, durante a direção de Clélea de Pontes.

Prof^a Luci Mobilio Gomes Pinto inicia sua formação em meio a transformações políticas, sociais e econômicas no país, ditadura militar. Foi perseverante em querer a Enfermagem, mesmo com os tabus existentes á época.

4.2 O início da atividade profissional

Inicialmente, ao ser admitida na EEAP, foi responsável por organizar o setor de saúde que prestava assistência aos alunos e funcionários da EEAP. Nesta época, o curso de enfermagem se dava sob o regime de internato, em que alunas e docentes solteiras residiam na escola no decorrer da semana e nos finais de semana retornavam às suas residências. Ela havia sido interna também e conhecia bem o funcionamento do Setor de Saúde.

Corroborando com a depoente, Barros, Porto e Moreira (2004) explicam, em seu estudo, que a razão de existir o setor de saúde era porque algumas docentes e alunas residiam na escola, sendo necessário o controle da alimentação e das condições de saúde das pessoas que lá residiam.

O curso tinha a duração de três anos, sendo subdividido em três fases com duração de um ano de estudo cada. Durante a gestão da professora Clélea de Pontes foi iniciado o curso de Auxiliar de Enfermagem da EEAP, sendo autorizado pelo Decreto nº 64.519, de maio de 1969 (MOREIRA, 1990). Luci Mobilio Gomes esteve no cargo para organizar o setor de saúde por seis meses, pois tinha grande aptidão para exercer carreira de docente. Por ser muito ativa, em 1967, solicitou a Professora Clélea de Pontes participar do processo de ensino. Esta colocou Luci Mobilio Gomes Pinto no Curso Experimental de Auxiliar de Enfermagem que tinha a duração de um ano e era intensivo, cuja autorização se deu por meio da Portaria nº 123 de 27 de fevereiro de 1967.

Luci Mobilio Gomes Pinto presenciou um momento marcante na EEAP, que foi a transferência da escola que era denominada de velho casarão, que até então não possuía sede própria, para o atual prédio que se encontra até os dias de hoje.

Silveira e Paiva (2011) relatam que, em 1968, a Comissão de Educação da ABEn elaborou proposta para a revisão do currículo mínimo do Curso de Enfermagem e Obstetrícia, propondo a distribuição semestral das disciplinas, sendo dois semestres básicos e seis de formação profissional, incluindo a Enfermagem de Saúde Pública. No último ano, as alunas poderiam optar entre Enfermagem Obstétrica, Enfermagem da Comunidade e Enfermagem Médico-Cirúrgica. Ainda naquele ano, no Seminário realizado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), a discussão central abordou o currículo do curso de graduação em Enfermagem, tendo sempre presente a tentativa de manter os quatro anos de duração do curso. O currículo experimental apresentado pela EEUSP previa a inclusão da disciplina Enfermagem em Saúde Pública.

Com esse panorama nacional, relatam Silveira e Paiva (2011) que a Enfermagem aparece mantendo lutas reivindicatórias em torno do ensino, para que se fossem preservados os princípios norteadores e o conteúdo específico da formação profissional da enfermeira.

Vietta, Uehara e Netto (1996) complementam que era grande a preocupação da enfermagem em ter uma legislação específica, pensada e elaborada por enfermeiros. Podia-se notar, contudo, que apesar destes avanços, a enfermagem trazia como características a submissão às normas, ao hierarquicamente superior e dela era esperado, um agir pautado na abnegação e dedicação. Para as autoras (1996, p. 136) “o enfermeiro têm que ser disciplinado e obediente”, a hierarquia deveria ser respeitada com vigor e a enfermeira deveria portar-se de forma submissa aos médicos, cumprindo e obedecendo suas ordens”.

Luci Mobilio Gomes Pinto submeteu-se, com êxito, a concurso público para o cargo de professor assistente da EEAP, sendo nomeada pelo Processo nº 1.515\73, segundo Decreto Lei nº 465 de 1º de junho de 1969. Como lembra a colaboradora durante a entrevista:

“Tive apoio e orientação no início de minha carreira como docente de duas grandes mestres: professora Clelea de Pontes e professora Simone Foom Riviera, pessoas desprendidas, inteligentes que sentiam prazer em transmitir os seus conhecimentos para quem estava iniciando. Dizia a Professora Clelea de Pontes “o sol nasce para todos.”

No ano de 1972 iniciou o Curso de Licenciatura em Enfermagem na EEAP, tendo como sua primeira Coordenadora a professora Simone Fomn Rivera, conseguindo assim capacitação necessária para atividade docente.

Ao nível de graduação ministrou as disciplinas: Fundamentos de Enfermagem Médico-Cirúrgica, Prática do Ensino de Enfermagem, Enfermagem Ginecológica I e II, Enfermagem em Saúde Pública e Enfermagem em Doenças Transmissíveis.

Diante do quadro social, político e econômico da década de 1960, período em que se priorizava a rede hospitalar e o tratamento individual e curativista, era de se esperar que o ensino da prática da enfermagem também fosse realizado prioritariamente nos hospitais. A colaboradora, ao se lembrar de sua época de estudante, relata suas atividades práticas ligadas à área hospitalar, condizente com o contexto daquele período.

Envolvida neste contexto e comprometida com a EEAP, a colaboradora foi, durante os anos de 1976 a 1980, vice-diretora na gestão da Prof^a Zélia Sena Costa (BARROS; PORTO; MOREIRA, 2004).

Destaca-se, neste período, a participação ativa da Prof. Luci Mobilo Gomes Pinto nestas mudanças, pois em 1976 tornou-se membro da Comissão para coordenar a eleição de representantes estudantis da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - UNIRIO. Barros, Porto e Moreira (2004) destacam que a gestão da Prof^a Luci Moblio Gomes Pinto foi condizente com o momento pelo qual passava o Brasil, conferindo liberdade de expressão aos discentes.

Em 1977, Luci Móbilo Pinto Gomes é nomeada como suplente do chefe do Departamento de Enfermagem Especializada da EEAP, acompanhando as mudanças no ensino de enfermagem e contribuindo na administração da escola.

Por lecionar 20 horas na EEAP e gostar de desafios e de buscar experiências novas, recebeu o convite para atuar como enfermeira no Hospital Fabiano de Cristo, onde foi chefe da enfermagem, experiência até então não vivida, pois só havia atuado enquanto docente de enfermagem, mas não como enfermeira hospitalar, como se constata no depoimento a seguir:

“Resolvi trabalhar no hospital durante dois anos, quando saí foi para fazer o mestrado. Então uma aluna me disse que estavam precisando de uma enfermeira, como nunca tinha experiência com trabalho hospitalar resolvi aceitar o convite. Trabalhava na EEAP pela manhã e ia para o hospital à tarde.

Chefiei o hospital durante esses dois anos. Foi quando a Prof^a Célia Antunes me telefonou e disse: “olha uma vaga para cursar o mestrado na escola Ana Nery”. A Célia me dava uma ordem eu cumpria.”

O Hospital Fabiano de Cristo era uma instituição filantrópica ligada a Caixa de Pecúlio dos Militares (CAPEMI).

No ano de 1978 Luci Mobilio Gomes Pinto iniciou o curso de Mestrado na UFRJ, mais precisamente na EEAN. Durante a entrevista relatou que recebeu muito apoio e orientação de vários professores durante o mestrado.

“Agradeço ao apoio da Professora Célia Antunes. Eu frequentava até a casa de outros professores para ter ajuda e orientação durante o período que fiz o mestrado. Eu e Célia fomos a 2ª turma de mestrado da Anna Nery, eles abriram o mestrado para somente os professores deles, mas deram duas vagas para os professores da EEAP, então eu fui fazer o mestrado com a Célia Antunes. A Professora Haydê Guanais Dourados, minha orientadora, era como um ídolo para mim, uma professora que fez muito pela enfermagem. Eu perguntava a um e a outro pedindo orientação. Minha banca de defesa do mestrado era composta de quatro professores. Era Haydê Guanais Dourado, Célia Pereira Caldas (Prof^a UERJ), Maria Ivone Chaves Mauro, (Prof^a UERJ) Lígia Paim (Prof^a UFRJ). Era muita tensão e durou uma hora e meia. Eu fiz uma pesquisa com 200 mulheres, eu passei umas férias de janeiro indo à maternidade do Hospital de Bonsucesso e à maternidade do Hospital Fernandes Figueiras, colhendo dados das puérperas. Concluí o Curso de Mestrado em Enfermagem em 1980, com a dissertação Fatores intervenientes na frequência de gestante aos serviços de assistência pré-natal - um estudo exploratório.”

Com o surgimento dos programas de mestrado, as teorias de enfermagem passaram a ser mais estudadas e aplicadas.

Baptista e Barreira (2006, p. 414) confirmam a participação da enfermagem na pós-graduação *stricto sensu* ao referir que:

...ainda nos anos 1970, a enfermagem começa a atuar no CNPq e na Capes, a título de consultoria; mas nos anos 1980 ela passa a se inserir nesses órgãos com o status de área do conhecimento. Nesta época, as líderes da enfermagem também se empenhavam em atender às diretrizes emanadas do Plano Decenal de Saúde para as Américas (1972), o qual tinha entre suas metas a de aumentar o número de enfermeiros, como estratégia para a melhoria da qualidade da assistência à saúde das populações.

A colaboradora também atuou em conselhos universitários, comissões e consultoria dentro da EEAP e da Associação dos Docentes da UNIRIO (ADUNIRIO), ocupando os seguintes cargos: presidente de 1997-1999; vice-presidente de 1997 a 2001; primeira tesoureira entre 1993 e 1995 e; segunda tesoureira de 1985 a 1987. O Brasil vivia um período de mudanças sociopolíticas, com lutas e clamor social pela democracia. A EEAP não ficava à margem do que acontecia na sociedade em geral.

Com relação à Luci Mobilo Pinto Gomes, em 1980, ela concluiu o curso de Mestrado em Enfermagem, acompanhando as mudanças exigidas pelos órgãos de fomento (CAPES e CNPq), desde a década de 1970, com a criação dos mestrados em enfermagem.

Em 1986 ocorreram eleições para governadores, senadores deputados federais e estaduais e, após as eleições, o governo anunciou o Plano Cruzado numa tentativa de combater a inflação. Desse plano surgiu uma nova unidade monetária: o Cruzado

Mostrando o alinhamento da EEAP com as políticas de saúde propostas pelo SUS, em 1989 a colaboradora foi eleita subchefe do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da UNIRIO, com vistas a preparar o profissional enfermeiro para o desenvolvimento de sua prática na rede de atenção básica.

A EEAP, também dentro do contexto de democratização do Brasil, realizou uma sessão extraordinária com o colegiado para votação secreta para ocupação do cargo de diretora da EEAP. Em novembro de 1989, o colegiado se reuniu sob a presidência da Diretora Professora Anna Grijó para realizar a eleição, cujo cargo era concorrido pelas professoras Enedina Soares, Luci Mobilio Gomes Pinto e Inês Pereira Dantas. Após a contagem dos votos, constatou-se vitória da professora Luci Mobilio Gomes Pinto que obteve 22 votos, contra cinco da professora Enedina Soares e um da professora Inês Pereira Dantas com um voto; contabilizou-se um voto nulo.

Em janeiro de 1990, o Reitor Professor Osmar Teixeira da Costa assinou a portaria empossando-a ao cargo de diretora da EEAP (BARROS; PORTO; MOREIRA, 2004), localizada no acervo do Arquivo Setorial da Enfermagem Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, na ata do colegiado de 30 de novembro de 1989, p. 9-11, LAPHE UNIRIO.

Na ata da reunião extraordinária do colegiado do curso de Enfermagem do Centro de Ciências Biológicas da Saúde (CCBS) da Universidade do Rio de Janeiro,

sob a Presidência da então Diretora Anna Grijó, foi Luci Mobilio Gomes Pinto empossada como a primeira aluna a chegar ao cargo de diretora da EEAP, após decorridos 100 anos de sua fundação (BARROS; PORTO; MOREIRA, 2004).

FIGURA 2. Luci Mobilio Gomes Pinto em foto como Diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto . Rio de Janeiro ,1990



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes

A fotografia acima pode ser entendida como posada, em primeiro plano, de formato quadrado. Nela, temos Luci Mobilio Gomes Pinto de beca preta e, sobre ela, a beca capa acadêmica usada como traje de galã em ocasiões solenes referentes ao cargo de diretora.

Durante a entrevista, a Professora Luci Mobilio Gomes Pinto descreve o pensamento que teve quando soube do resultado da sua eleição.

“Pensei: ‘Deus como você é tão bom para mim. Ao ficar órfão me deu um pai maravilhoso, ao escolher uma profissão você me direcionou para enfermagem, ao ter um emprego você me conduziu para EEAP e agora me presenteia com a direção da escola que tanto amo. Pode deixar que jamais vou te decepcionar na minha trajetória de vida.’ Senti um orgulho muito grande de ter sido a primeira ex-aluna a ocupar o cargo de direção da EEAP.”

FOTO 3. Luci Mobilio Pinto Gomes sendo abraçada no dia de sua posse como Diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Rio de Janeiro, 1990



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes, 1990.

A Foto acima se refere à solenidade de transmissão do cargo de Diretora entre as Prof^a Anna Grijò, de roupa branca e sentada ao centro da mesa, e Luci Mobilio Gomes Pinto sentada, trajando blusa de listras verde, e, à esquerda, a Prof^a Maria do Carmo Alves de Melo aplaudindo o abraço das professoras. No canto direito um vaso de flores. A transmissão do cargo ocorreu em janeiro de 1990.

Ao observarmos a foto acima podemos verificar o abraço de transmissão de cargo de direção realizado com um sinal de afeto e de satisfação na transmissão do cargo da Prof^a Ana Grijó para Prof^a Luci Mobilio Pinto Gomes.

Ao ser questionada sobre os desafios encontrados na direção da EEAP, as palavras de Luci Mobilio Gomes Pinto durante a entrevista foram: Os desafios do cargo de diretora foram muitos pois trabalhamos com todos os tipos de pessoas.

“Desafios sempre teremos, trabalhamos com pessoas, cada qual com seu nível de inveja, ambição e que, às vezes, tentam atrapalhar o andamento da direção. Consegui vencer muitas barreiras com a ajuda de colegas que tinham o mesmo ideal que o meu.”

A colaboradora trabalhou com afinco para a realização da comemoração dos 100 anos da EEAP, evento que envolveu docentes, discentes e o corpo técnico para sua realização (MOREIRA, 1990). Durante a entrevista Luci Mobilio Gomes Pinto fala como se sentiu durante as comemorações dos cem anos da escola:

“No seu jubileu de ouro, acredito que a minha guru, a professora Clelea de Pontes estava a todo estante ao meu lado”.

A gestão de Luci Mobilio Gomes Pinto foi marcada pela transformação e pela liberdade dos alunos e discentes, condizente com o momento que o país almejava, que era a liberdade de expressão popular. Que também ficou conhecida como a direção com o gabinete de diretora com as portas abertas para todos (BARROS; PORTO; MOREIRA, 2004).

Nos anos de 1996 e 1997 atuou em Conselhos Universitários, comissões e consultoria e de outras atividades técnico-científicas, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e foi Chefe da Divisão de Ensino de Pós Graduação. Dentre os cursos que realizou durante sua trajetória profissional destacam-se as seguintes especializações: Administração Hospitalar pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ); Didática do Ensino Superior e Licenciatura em Enfermagem pela Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG) e; Mestrado em Enfermagem na UFRJ (BARROS; PORTO; MOREIRA, 2004).

Como vimos na contextualização, alguns fatos marcantes na década de

1990, nos auxiliam a entender a atuação da Prof. Luci Móbilio Pinto Gomes e dentre eles destacamos: na política, a eleição por voto popular do Presidente Fernando Collor de Mello depois de 21 anos (1964-1985) de ditadura militar no Brasil; na saúde, a Lei Orgânica da Saúde (Lei 8.080) que vem regular em todo território nacional as ações e serviços do SUS; a criação em 1991, do Programa de Agentes Comunitários de Saúde, buscando diminuir os índices de mortalidade infantil nas regiões do nordeste, fortalecendo as ações na atenção básica; as Normas Operacionais Básicas (1991, 1993, 1996) que vieram regulamentar as relações entre as três esferas do governo, (federal, estadual e municipal) definindo as competências e responsabilidades de cada esfera na implementação e consolidação do SUS; a criação e implantação do Programa Saúde da Família, imprimindo uma outra lógica no sistema de saúde e, por conta disso, sendo entendido como uma estratégia de mudança no SUS.

Com esse panorama, o perfil da enfermagem teve que apresentar mudanças em decorrência das transformações no quadro político-econômico-social da educação e da saúde no Brasil. Destacamos apenas as mudanças curriculares que foram amplamente discutidas por Baptista e Barreira (2006); Silveira e Paiva (2011); Santos e Cerqueira (2009) e; Galleguillos e Oliveira (2001).

Tais autores afirmam que, entre 1986 e 1991, foi realizada uma série de seminários promovidos pela ABEn, resultando em uma proposta de substituição do Parecer 163/72 que, como mencionado anteriormente, não atendia aos interesses da enfermagem mas sim do mercado de trabalho. As discussões nos fóruns das escolas de enfermagem, nas oficinas, enfocava o processo de trabalho da enfermagem, articulando ensino e serviço ao perfil sanitário e epidemiológico da população e a organização dos serviços de saúde. Estes debates deram origem ao Parecer 314/94 que estabeleceu um novo currículo para o ensino de graduação em enfermagem. O novo currículo extinguiu as habilitações, aumentou a carga horária, redimensionou a carga horária das disciplinas humanas e biológicas, com grande destaque para conhecimentos que valorizavam o compromisso do enfermeiro com a sociedade.

Para Galleguillos e Oliveira (2001, p. 84-85) este novo currículo teve como avanço “o movimento político gerado pela categoria para a sua definição e ao processo coletivo de sua construção”, além da preocupação com as diferenças regionais do Brasil ao focar o interesse em considerar “o perfil epidemiológico e o

quadro sanitário do Brasil”. Destacam, contudo, que o currículo conservou sua matriz flexneriana, o que determinava um perfil de profissional enfermeiro mais habilitado para desenvolver suas ações no âmbito hospitalar.

Silveira e Paiva (2011) referem que a LDB, a partir de 1998, deu continuidade as discussões a respeito de inovações e mudanças nos currículos, com a finalidade de “reestruturação dos cursos de graduação, com a extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes curriculares específicas para cada curso”. Complementam as autoras (p.181) que:

...a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Graduação em Enfermagem através da Resolução n.º 3, de 7 de novembro de 2001, definiu os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em enfermagem das instituições de Ensino Superior. As DCNs estabeleceram o perfil de formação do egresso como enfermeiro generalista, humanista, crítico e reflexivo, qualificado para o exercício de enfermagem com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, com capacidade de conhecer e atuar sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional.

Sintetizando a gestão da Professora Luci Mobilio Gomes Pinto na EEAP, podemos destacar diversas ações, tais como:

- Incentivou o estabelecimento dos alunos do Hospital Graffée e Guinle (HUGG), para que tivessem um campo de estágio próprio para atuar e mais autonomia para trabalhar;
- Participou e incentivou alunos e docentes a irem às ruas para lutarem pelo *impeachment* do Presidente Collor;
- Ajustou o currículo da EEAP no que tange às disciplinas de obstetrícia do currículo de Graduação em Enfermagem Ginecológica;
- Criou, através do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil, o Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica ao nível de pós-graduação *lato sensu*;
- Empenhou-se para a realização do concurso público para docentes com o título de Doutor em Enfermagem;
- Incentivou a participação de docentes e discentes em jornadas científicas, congressos e cursos de aprimoramento na área de interesse;

- Participou da indicação das professoras Anna Grijó e Zélia Sena Costa ao título de Professor Emérito da Universidade do Rio de Janeiro, seguindo o artigo 106 do Estatuto da UNIRIO;
- Participou de solenidades que aconteceram em comemoração aos 10 anos do curso de mestrado, em novembro de 1992;
- Aprovou em reunião de colegiado a proposta do projeto que trata da redução de dois períodos para um período o curso de habilitação de enfermagem médico-cirúrgica, devido à proporção insuficiente de disciplinas/alunos/professores;
- Implementou enfaticamente as comemorações dos 100 anos da EEAP com atividades científicas, culturais e sociais, envolvendo toda a comunidade universitária, além de participantes internacionais e nacionais;
- Na comemoração dos 100 anos aconteceu o encontro de enfermeiros do Rio de Janeiro e o I Encontro de Profissionais de Enfermagem de Centro Cirúrgico e Centro de Material e Encontro Nacional de Fiscalização do Exercício da Profissão;
- Na comemoração da Semana de Enfermagem que se comemorou os cem anos da escola recebeu da ABEn, uma placa comemorativa pelo seu centenário;
- Como representante da Escola na posição de diretora recebeu uma placa comemorativa e palavras de elogio e de agradecimento do presidente do COREN do Rio de Janeiro, pelos serviços prestados pela escola ao país, capacitando profissionais gabaritados e conceituados no mercado de trabalho.

Desde que o Prof^o Sergio Luiz Magarão assumiu a Reitoria da UNIRIO, em 1992, diversas mudanças se deram nos cargos universitários. Nesse ano, a Professora Luci Mobilio Gomes Pinto colocou o cargo de diretora da escola disposição do Reitor, como era de praxe.

Desde então ela passou a exercer a função de chefe de Divisão de Ensino de Pós-Graduação do departamento da reitoria. Como tantas outras diretoras da EEAP, o mandato de Luci Mobilio Gomes Pinto durou dois anos. Somente a partir de 1996 os mandatos para diretora passaram a ser de quatro anos, época em que toda a comunidade acadêmica passou a ser consultada durante as eleições. Sendo assim,

em 8 de julho de 1992, Luci Mobilo Gomes Pinto entregou o cargo de diretora a professora doutora Terezinha Pereira dos Santos.

Em 1995 aposentou-se como professora adjunta da EEAP, encerrando uma etapa de luta em prol da qualidade do ensino de enfermagem na EEAP. Mas com toda esta competência, dinamismo e conhecimento não poderia se aposentar, assim, a Professora Luci Mobilio Gomes Pinto passou a atuar na Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac.

4.3 Atuação de Luci Mobilo Gomes na São Camilo – Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac (FELM)

A Faculdade São Camilo foi fundada pela Ordem dos Ministros dos Enfermos (padres e irmãos camilianos) tendo como objetivo o serviço global aos doentes, atuando em todas as áreas da saúde. Seu fundador foi São Camilo de Lellis, nascido em Bucchianico (Chieti–Itália). Seu ideal espalhou-se pelo mundo e os Camilianos, como são chamados, encontram-se em mais de 35 países do mundo.

Os Camilianos chegaram ao Brasil em setembro de 1922. Seus fundadores foram Padre Inocente Radrizzani e Padre Eugênio Dalla Giacoma. Atualmente os padres e irmãos de caridade Camilianos estão atuando em sete estados e diversas regiões do Brasil.

A Faculdade São Camilo, situada no estado do Rio de Janeiro, é uma unidade organizacional da União Social Camiliana (Mantenedora), voltada para a área do ensino, fundada em 1954. A Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac – FELM, fundada em 1939, é, atualmente, de responsabilidade e administrada pela São Camilo, e possui suas ações voltadas a causa da educação, sendo referência na formação de profissionais de saúde, embora participe da formação de profissionais nas diversas áreas de conhecimento.

A Faculdade São Camilo tem como missão “promover o desenvolvimento do ser humano por meio da educação e da saúde, segundo os valores Camilianos” (FACULDADE SÃO CAMILO, 2014), que estão voltados para questões do servir ao próximo com competência profissional dentro de uma visão holística.

A Faculdade São Camilo tem como visão para a sociedade, de modo em geral e principalmente para o mundo acadêmico, “ser uma organização de referência nas áreas da educação e da saúde, com ações que promovam a melhoria da qualidade de vida na sociedade”, e como compromisso “educar para promover a

saúde sendo um meio e desenvolver a sociedade e de minimizar a desigualdade entre as pessoas” (FACULDADE SÃO CAMILO, 2014).

Por indicação da professora Janete de Oliveira Elias, que também era da UNIRIO, assumiu o cargo de direção da Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, São Camilo.

A gestão da Professora Luci compreendeu o período de 1992 a 1996, ou seja, foram cinco anos na direção. Continuou na FELM como professora, acompanhou os alunos no Centro Municipal de Saúde Ernesto Zeferino Tibau Júnior, ensinando-os Saúde Pública. Fez um projeto que, além de desenvolver habilidades dos estudantes, tinha uma função social da maior relevância, pois prestavam assistência ginecológica às mulheres da comunidade do Parque Eredia em Benfica, subúrbio do Rio de Janeiro. Conforme o depoimento da Prof^a Luci:

“Fiquei na direção durante cinco anos e atuei no ensino clínico por igual período com alunos no Centro Municipal de Saúde Ernesto Zeferino Tibau Júnior. Passei a levar os alunos para dar assistência ginecológica na Comunidade do Parque Eredia em Benfica. Foram 10 anos fazendo preventivo ginecológico e tratando as mulheres da comunidade. Foi um período na minha vida profissional extremamente gratificante. Os alunos puderam colher material cérvico uterino, orientar as pacientes ampliando seus conhecimentos em enfermagem ginecológica. Em dezembro de 2007 passou a não, mas atuar na FELM.”

Com a criação do SUS houve a necessidade de reformular a formação dos profissionais de saúde, quebrando então o modelo de formação que era focado na capacitação do profissional com foco na doença, necessitando, assim, de mudança dos conceitos de saúde e inserindo o sujeito como corresponsável no processo de saúde-doença. Nesse contexto, surge a necessidade da criação de um projeto político-pedagógico por parte das instituições de ensino para sustentar a formação profissional, chamado pelas instituições de Programa Pedagógico Institucional (PPI).

Neste contexto, professora Luci Mobilio Gomes Pinto participou do Fórum das Diretoras dos cursos de Enfermagem, que se reuniam para a criação do novo currículo do Curso de Enfermagem. Neste cenário Político Educacional, ela atuava na Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac. Durante a entrevista relembra que:

“Quando entrei encontrei a instituição com três currículos, fiz reunião com todos os docentes. Chamei a Professora de didática Janete de Oliveira Elias que também era da UNIRIO, fiz um grande seminário

para decidir qual o currículo que iríamos adotar. Tinha a participação muito grande de todo o corpo docente. Ficamos um final de semana, e a instituição nos ofereceu todo o suporte necessário pra essa reunião com os docentes, e saímos de lá com um único currículo.”

E com isso começamos a desenvolver um único currículo. Este fato ocorreu em concordância com a Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem quando descreve que os Cursos de Graduação deverá ter um projeto pedagógico, construído coletivamente, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem (PINTO, 2014).

Este período foi bastante intenso na vida profissional da Prof. Luci Móbilo Pinto Gomes, como veremos mais adiante, destacando-se o seu envolvimento crescente com a pesquisa e pós-graduação, com as mudanças curriculares, com o processo ensino- aprendizagem desenvolvido com discentes na atenção básica e sua participação como diretora e professora em escolas particulares, acompanhando o movimento de expansão de cursos no setor privado no Brasil.

Diversos foram os feitos realizados pela Professora Luci Mobilio Gomes Pinto, durante o período em que trabalhou na FELM, alguns destacamos aqui:

- Realizou seminário com os docentes da instituição para mudança do currículo;
- Criou o Núcleo Orientação a Pesquisa e Edição (NOP);
- Criou o núcleo de apoio ao estudante;
- Realizou a jornada científica da FELM com a participação de docentes e discentes da instituição e faculdades coirmãs;
- Participou de vários encontros da São Camilo nos quais se discutia os rumos da instituição;
- Foi durante a direção de Luci Mobilio Gomes Pinto que foi criado o Programa de Diretrizes Institucionais (PDI) e o Programa Pedagógico do Curso – (PPC).
- Implantou o currículo novo no curso de graduação em Enfermagem.
- Estimulou a capacitação de docentes

Em dezembro de 2007 passou a não mais atuar na FELM.

4.3 Os caminhos percorridos por Luci Mobilo Pinto Gomes na Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo

A Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo faz parte do Grupo Educacional Bezerra de Araújo, possui curso técnico, colégio, faculdade, pós-graduação e clínica. Foi fundada pela enfermeira Maria José Bezerra de Araújo em 1973, mulher empreendedora sempre à frente no mercado de trabalho da enfermagem, formando profissionais de renome e de qualidade. Primeiramente, com o ensino médio, oferece cursos profissionalizantes na área da saúde, sendo referência principalmente na área de enfermagem.

Percebendo a necessidade de formar profissionais também no ensino superior, a professora Maria José Bezerra de Araújo criou em 1999 o curso de Enfermagem ao nível de graduação. O curso foi reconhecido pela Portaria MEC nº 01 de 6 de janeiro de 2012, publicada no Diário Oficial nº 6, de 09 de janeiro de 2012, seção 1, p. 19-43. Tendo obtido nota 4 na última avaliação feita pelo MEC.

Logicamente pela observação de suas gestões como diretora em duas instituições de ensino superior de enfermagem, a empreendedora a professora Maria José Bezerra de Araújo convidou a Professora Luci Mobilio Gomes Pinto para dirigir a Faculdade de Enfermagem Bezerra de Araújo em fevereiro de 2008.

A FABA é localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, bem distante do centro da cidade, mas nem isso fez a professora Luci Mobilio Gomes Pinto desistir de seu compromisso para com a profissão que abraçou desde tão tenra idade. E lá foi Professora Luci Mobilio Gomes Pinto para Campo Grande dirigir o curso de enfermagem da FABA, onde permaneceu no cargo de direção durante três anos, de 2008 a 2012. No momento encontra-se como docente, ministrando aulas nos horários da manhã, tarde e noite, nas disciplinas de Enfermagem e Saúde Coletiva, Teorias e Processo de Enfermagem, Saúde Ambiental e Ecologia e Deontologia em Enfermagem, além de continuar fazendo o exame do preventivo ginecológico no Parque Erédia, localizado em Benfica, com os discentes da FABA, o que demonstra seu comprometimento pessoal e profissional em prol da capacitação da melhoria da qualidade de vida da população feminina.

Desde 1997 até o dia de hoje exerce a função de professor adjunto ministrando a disciplina História da Enfermagem e também atua como Coordenadora Pedagógica.

Observamos agora algumas ações desenvolvidas pela Professora Luci Mobilio Gomes Pinto na FABA:

- Participou da mudança do currículo, em que se alterou o número de períodos de 8 para 10;
- Organizou a semana de enfermagem com a participação de docentes e alunos;
- Coordenou o Curso de Enfermagem durante cinco anos, entre 2008 e 2012.
- Leciona as seguintes disciplinas: Enfermagem Saúde Pública, Enfermagem Saúde Coletiva I, Saúde Ambiental e Deontologia, Teorias e Processos de Enfermagem.
- Leciona, na pós-graduação, disciplinas de enfermagem obstétrica e ginecológica.
- Continua desenvolvendo o projeto de acompanhamento ginecológico, com os alunos da FABA, no Parque Eredia.

SEÇÃO V

5 O LEGADO DE LUCI MOBILIO PINTO

De acordo com o Dicionário Priberan (2014), legado significa “O que é transmitido a outrem que vem a seguir”. Tendo como pressuposto o legado da Profª Luci Mobilio Gomes Pinto ela transmite para os alunos, docentes que com ela conviveram e convivem um clima de confiança, de carisma e exemplo de liderança e de profissionalismo.

O legado da Profª Luci Mobilio Gomes Pinto iniciou pela sua formação acadêmica quando teve que vencer as barreiras do preconceito de sua família em prol de realizar o sonho que era ser enfermeira.

A perseverança é uma das características da Profª Luci Mobilio Gomes Pinto, pois, de uma turma de 50 ingressantes na EEAP somente 25 conseguiram concluir o Curso Graduação em Enfermagem. Tornando, assim, esses 25 alunos vencedores já que conseguiram transpor os obstáculos da formação profissional.

Após a sua formação por ser aluna exemplar conseguiu a recomendação de suas professoras para trabalhar no setor de saúde na EEAP com as internas e funcionários, pois conhecia bem a dinâmica do setor já que tinha sido interna também.

Com dedicação e dinamismo atuou como professora do curso de auxiliar de enfermagem e, posteriormente, da graduação contribuindo, assim, para a formação de centenas de enfermeiros. Entre os fatos mais marcantes de sua carreira profissional foi que ter sido vice-diretora na gestão de Zélia Sena Costa, durante os anos de 1976 a 1980 (BARROS, 2004).

Tendo deixado como traço de permanência, por ter sido a primeira ex aluna a ser diretora da EEAP, isto após percorrido 100 anos da criação da Escola ,pois durante 53 anos foi dirigida por médicos

Uma das vertentes admiráveis na Profª Luci Mobilio Gomes Pinto é que sempre procurou se aperfeiçoar dentro da profissão de enfermagem realizando vários cursos de capacitação profissional, tendo entre os títulos de formação acadêmica o curso de Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mais precisamente na Escola de Enfermagem Ana Ney (EEAN).

A colaboradora também atuou em Conselhos Universitários, comissões e consultoria, congressos, simpósios, eventos e bancas de comissões julgadoras, associações de classes (ADUNIRIO) dentro e fora da EEAP \ UNIRIO. No entanto, entre as principais participações cita-se a Avaliação Externa do Curso de Graduação em Enfermagem, em outubro de 2000, a convite das Faculdades Unificadas Serra dos Órgãos por apresentar reconhecida capacidade profissional e acadêmica.

Atuou também no Conselho Regional de Enfermagem –seção Rio de Janeiro (COREN-RJ) como conselheira e foi nesse período, quando foi comprada a atual sede do COREN- RJ na Av. Presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro.

Pelo exemplo de profissional que foi, em 1989, o colegiado se reuniu para sucessão da direção da EEAP e com expressivo número de votos foi eleita pelos seus pares como a primeira diretora, enquanto ex-aluna, ocupando um dos cargos mais altos dentro de uma instituição de ensino.

Entre os principais prêmios de sua carreira profissional: encontram-se o Jubileu de Ouro, recebido em 1996 como Homenagem da Escola de Nutrição da UNIRIO; Honra ao Mérito Profissional – Prêmio Organização Pan Americana de Saúde –OPAS- “Gente que faz Saúde”, recebido em 2006. Com o seu trabalho brilhante junto aos alunos em uma comunidade do Rio de Janeiro, atuando na prevenção do câncer cervicouterino, recebeu da ABEN a Signatária da década de recursos humanos em saúde pela OMS-2006-2007. Este reconhecimento se deu por indicação dos pares da ABEn Seção Rio de Janeiro para o Prêmio OPAS recebido em 2006, como já mencionado.

Recebeu como prêmio e reconhecimento da Câmara Municipal do Rio de Janeiro Moção pela dedicação demonstrada ao longo de sua vida profissional, sempre atuando de forma ética no exercício de suas atividades, contribuindo para construir uma cidade mais humana para todos. Este prêmio foi recebido em primeiro de maio de 2010.

O legado deixado na Faculdade Luiza de Marilac foi a criação do Programa de Diretrizes Institucionais PDI e o Programa de Diretrizes Pedagógica - PDP para o Curso de Enfermagem, que não existia quando assumiu a direção do curso, assim como outras ações realizadas durante sua gestão de acordo como a entrevista:

“Nessa época, nós criamos o Grupo de Apoio ao Estudante e o Núcleo de Pesquisa, isso tudo foi andando com uma facilidade uma leveza.”

Entre as diversas publicações em anais de congressos, algumas são:

- Projeto integração ensino/serviço: a atuação dos acadêmicos da Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac no campo prático. In: 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem, 2004, Gramado;
- Aspecto socioeconômico social dos egressos da FELM - São Camilo: um estudo histórico. In: 11º Congresso Panamericano de Profesionales de Enfermeria – 55º Congresso Brasileiro de Enfermagem, 2003, Rio de Janeiro. 11º Congresso Panamericano de Profesionales de Enfermeria – 55º Congresso Brasileiro de Enfermagem, 2003;
- O Papel Social do COFEN na Qualificação Profissional: Pós-Graduação. In: 5º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem, 2002;
- O Papel Social do Enfermeiro no Programa de Saúde da Família. In: 5º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem, 2002, Recife;
- Resgate Histórico do Fórum de Escolas de Enfermagem do Rio de Janeiro. In: 53º Congresso Brasileiro de Enfermagem – ABEn, 2001, Curitiba;
- Percepção do Graduando de Enfermagem frente à Obrigação da Elaboração e Apresentação da Monografia como Requisito para Final de Curso. In: 11º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 2001, Belém;
- Comunicação do Conhecimento: Produção Científica de Enfermeiras em Teses de Livre Docência. In: 3º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem – USP, 1992;
- As doenças sexualmente transmissíveis e o escolar adolescente. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Enfermagem, 1984.

Um dos pontos que se destaca no legado da Professora Luci Mobilio Gomes início é o da trajetória de uma mulher enfermeira a partir dos anos de 1960 até o presente momento, com pontos de destaque em sua carreira e outros de simplesmente professora, mas com a mesma essência, a vontade de transmitir conhecimento aos discentes. Transpassando por diversas transformações na formação do enfermeiro.

Destacando a competência técnica e relacional e a capacidade de articulação nas diversas instituições por onde atuou e atua.

Até os dias de hoje continua a lecionar com o mesmo entusiasmo que iniciou sua carreira de docente em 1966.

Na tentativa de esquematizar as áreas de atuação percorridas pela professora Luci em sua trajetória profissional, traçou-se o esquema abaixo:

Figura 2. Esquema representativo da atuação profissional de Luci Mobilio Gomes Pinto. Rio de Janeiro, 1963-2015



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Gomes Pinto, 1990; Google.

6 CONCLUSÃO

O desafio de reconstituir a história oral de vida de Luci Mobilio Gomes Pinto permitiu conhecer e compreender aspectos significativos da sua trajetória na enfermagem e as histórias das instituições em que ela trabalhou. O estudo representa mais do que uma transcrição de depoimento contextualizado a fatos ocorridos na época, relata o sentimento e as lembranças trazidas à memória, aos olhos da personagem, remetendo-as aos tempos, nos quais se dedicou à construção dos fatos que hoje relatamos, compreendendo assim ter atingido o primeiro objetivo proposto para este estudo. .

Concluimos que Luci Mobilio Gomes Pinto contribuiu significativamente para o engrandecimento da profissão de enfermeiro e a evolução do ensino da profissão e desenvolvimento das instituições por onde atuou. Empreendeu uma trajetória de sucesso reconhecida pela enfermagem através de muitas contribuições de trabalhos acadêmicos, mas principalmente pelo Prêmio “Gente que faz Saúde” oferecido pela OPAS. Com o seu empenho, conhecimento pessoal e da visão realidade de um mundo fraterno e perseverança, vale ressaltar que contribui até os dias de hoje, atuando em comunidades carentes com vistas ao bem-estar do próximo. A sua dedicação ao ensino, pesquisa e extensão na área da Enfermagem merece o reconhecimento de toda a categoria da enfermagem.

Um dos pontos positivos da realização desta pesquisa foi ter contato e conhecido a Prof^a Luci Mobilio Gomes Pinto, sua história de vida, e sua atuação tão diversificada em cada instituição onde atuou. A pesquisa me proporcionou orgulhar-me cada dia, de pertencer à categoria de enfermagem, pois tenho exemplos a seguir.

O presente estudo ressuscitou memórias que puderam contribuir para a construção de mais uma página da linha de pesquisa geral “Saúde, História e Cultura: Saberes em enfermagem” do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Enfermagem da CCBS da UNIRIO. Através do projeto, os dirigentes da EEAP estarão servindo de mais uma fonte para outras pesquisas, e estarão cumprindo um importante papel junto à comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; (Orgs.) **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf> Acesso em: 25 set. 2014.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. esp., p. 411-416, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700005 Acesso em: 12 fev. 2014

BARREIRA, I. A. A reconfiguração da prática da enfermagem brasileira em meados do século 20. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 480-7, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072005000400003&script=sci_arttext Acesso em: 15 out. 2014.

BARROS, A. P. S.; PORTO, F.; MOREIRA, A.. A Memória de Luci Mobilio Gomes Pinto na direção da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1990-1992). In: CREUTZBERG, M.; FUNCK, L.; KRUSE, M. H. L. et al. (Orgs.). **Enfermagem hoje: coragem de experimentar muitos modos de ser**. Livro-Temas do 56º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 2004 Out 24-29; Gramado (RS), Brasil. Brasília (DF): ABEn; 2005. Disponível em: <http://www.bstorm.com.br/enfermagem/index-p2.php?cod=76874&popup=1> Acesso em: 17 de mai. 2014.

BARTMANN, M. Evolução histórica dos cursos de auxiliar e técnico de enfermagem no contexto sociopolítico-econômico do Brasil. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 26-33, set./dez. 1997. Disponível em: www.senac.br/informativo/bts/233/boltec233c.htm Acesso em: 15 de out. 2014.

BERTOLOZZI, M. R.; GRECO, R. M. As políticas de saúde no Brasil: reconstrução histórica e perspectivas atuais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 30, n. 3, p. 380-398, dez., 1996.

BRASIL. **Constituição Federal República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. **Resolução nº 258, de 7 de janeiro de 1991**. Aprova a Norma Operacional Básica/SUS nº 01/91. Brasília, 1991. Disponível em: http://siops.datasus.gov.br/Documentacao/Resolu%E7%E3o%20258_07_01_1991.pdf Acesso em: 15 nov. 2014.

BRASIL. **Lei nº 2.604, de 17 de setembro de 1955**. Regula o exercício da enfermagem profissional. Diário Oficial da União, Brasília, 21 set. 1955.

BRASIL. **Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986.** Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 jun. 1986. Seção I, p. 9273-9275.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 20 set. 1990a.

BRASIL. **Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 31 dez. 1990b.

BRASIL. **Lei nº 12.577, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei no 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 18 nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica.** Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. **Portaria nº 545, de 20 de maio de 1993.** Estabelece normas e procedimentos reguladores do processo de descentralização da gestão das ações e serviços de saúde, através da Norma Operacional Básica - SUS 01/93. Brasília, 1993. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1993/prt0545_20_05_1993.html

Acesso em: 15 nov. 2014.

BRASIL. **Portaria nº 2.203, de 5 de novembro de 1996.** Aprova a Norma Operacional Básica/SUS nº 01/96. Brasília, 1996. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1996/prt2203_05_11_1996.html

Acesso em: 15 nov. 2014.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jun. 2013. Seção I. p. 59.

BRUNO, M. L. M. **Enfermagem no Hospital Universitário:** trajetória histórico-política. 2012. 226 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2012.

CORDEIRO, H. **Sistema Único de Saúde.** Rio de Janeiro: Ayuri Editorial, 1991.

DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da história oral de vida e história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral.** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Legado** (verbetes). Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/legado> Acesso em: 6 de dez. 2014.

DRAIBE, S. As políticas sociais brasileiras: diagnósticos e perspectivas. In: IPEA/IPLAN. **Para a década de 90: Prioridades e perspectivas de políticas públicas**. Brasília: IPEA/IPLAN, 1989.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO - UNIRIO. **História da EEAAP**. Disponível em: <http://www.eeap.com.br/conteudo.asp?Codmenu=2> Acesso em: 10 jun. 2014.

FACULDADE SÃO CAMILO. **Quem somos**. Disponível em: http://www.saocamilo-rj.br/chamar.asp?id=quem_somos Acesso em: 5 nov. 2014.

FERNANDES, I. M. R.; RODRIGUES, M. A. Uma vida, uma construção de todas as experiências na família, na sociedade e no trabalho: Biografia da Senhora Enfermeira Nídia Salgueiro. **Revista de Enfermagem Referência**, v. serIII, n. 10. , p. 179-199, jul., 2013.

FERNANDES, J. D. Privatização do ensino de enfermagem no Brasil: economia da qualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 47, n. 2, p. 144-159, abr-jun, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Paraná: Positivo, 2014.

FIGUEIREDO, N. M. A. Escola de Enfermagem Alfredo Pinto: 120 anos cuidando da enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v. 1, n. 3, p. 136-138, 2010. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/44/44> Acesso em: 20 nov. 2014.

GALLEGUILLOS, T. G. B.; OLIVEIRA, M. A. C. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 1, p. 80-87, mar. 2001.

GEOVANINI, T.; MOREIRA, A.; SCHOELLER D. et al. **História da Enfermagem: versões e Interpretações**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1992.

KLETEMBERG D. F. **A metodologia da assistência de enfermagem no Brasil: uma visão histórica**. 2004. 105 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

KLETEMBERG, D. F; SIQUEIRA, M. T. D; MANTOVANI, M. F.; et al. O processo de enfermagem e a lei do exercício profissional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 1, p. 26-32, Jan./Fev. 2010.

KNAUSS, P. Usos do passado, arquivos e universidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 1, n. 40, ano 22, p. 9-16, 1º sem. 2009.

LEÃO, P. C. D. L. C.; MOREIRA, A. Leda Santos Pires como dirigente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v 2, ed. Supl, p. 701-103, out/dez. 2010. Disponível em:

http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1097/pdf_26

Acesso em: 10 nov. 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LIMA, M. A. M. Avaliação no contexto histórico brasileiro recente da educação superior. **Avaliação - Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior**, v. 10, n. 2, p. 84-95, jun. 2005.

LOPES, Mayara Moraes; MOREIRA Almerinda; Zélia Sena Costa: Uma bibliografia da Diretora de Enfermagem Alfredo Pinto. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v 2, ed. Supl, p. 47-49, out/dez. 2010. Disponível em:

http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/784/pdf_72

Acesso em: 22 jun. 2013.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual da História Oral**. 5. ed. São Paula: Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S. L. S. **Guia Prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, E. V. **Distrito sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde**. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, métodos e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA A. A primeira escola de enfermagem. In: Geovanini, T. **História da enfermagem: versões e interpretações**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

MOREIRA, A. **Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - 100 anos de história**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

NOGUEIRA, A. M. Educação Superior na Assembleia nacional constituinte. Agenda de Transição e Debates na Constituinte. Documento de trabalho nº 85. Rio de Janeiro: **Observatório Universitário**, set. 2009. Disponível em:

http://www.observatoriouniversitario.org.br/documentos_de_trabalho/documentos_de_trabalho_85.pdf

Acesso em: 22 jun. 2013.

NORONHA, J. C.; LEVCOVITZ, E. AIS-SUDS-SUS: os caminhos do direito à saúde. In: GUIMARÃES, R.; TAVARES, R. (Org.). **Saúde e sociedade no Brasil: anos 80**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1994. p. 73-111.

PADILHA, M. i. C. S; BORENSTEIN, M. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 4, n. 4, p. 547-584, Out-Dez. 2005. Disponível em:

www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072005000400015&script=sci_arttext

Acesso em: 25 jun. 2013.

PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. **Escola Profissional De Enfermeiras Alfredo Pinto: A Influência Germânica Psiquiátrica no Ensino da Enfermagem (1919-1921)**. In: FIGUEIREDO, N. M. A.; SILVA JÚNIOR, O. C; et al (Orgs.). V Encontro de Professores e Pesquisadores de História da Enfermagem. E56 no Rio de Janeiro. Resumos/V Mostra da Produção Científica da História da Enfermagem no Rio de Janeiro: UNIRIO, PPGENF, Laphe, 2007. p. 100-104.

RIBEIRO, F. L. T.; AMORIM, W. M. Os enfermeiros no movimento de reforma sanitária brasileira nos anos 80. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, ano 8, p. 15-24, 2004.

ROSA, I. Pesquisa Histórica e Prática Social: tendências e possibilidades. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 2, ano II, n. 2, p. 32-54, abr-jun. 2005.

SANTOS, A. P.; CERQUEIRA, E. A. **Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes**. In: IX Colóquio Internacional Sobre Gestão Universitária no Brasil e América do Sul. Florianópolis, 25-27 nov. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/35836> Acesso em: 12 out. 2014.

SILVEIRA, C. A.; PAIVA, S. M. A. A evolução do ensino de enfermagem no Brasil: uma revisão histórica. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 176-183, Jan/Mar. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/6967> Acesso em: 20 out. 2014.

SOARES, L. T. R. **Ajuste Neoliberal e Desajuste Social na América Latina**. 1995. 445 p. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.

VIANA, A. L. **Modelos de Intervenção do Estado na área da saúde**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1995 (Estudos em Saúde Coletiva, 118).

VIANA, A. L. D.; DAL POZ, M. R. A Reforma do Sistema de Saúde no Brasil e o Programa de Saúde da Família. **Physis**, v. 12, supl, p. 255-64, 2005.

VIETTA, E. P.; UEHARA, M.; SILVA NETTO, K. A. S. Evolução da enfermagem do contexto do hospital-escola: depoimentos de enfermeiros representantes da década de 70. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 4, n. 3, p. 135-154, dez. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691996000300011 Acesso em: 6 dez. 2014

APÊNDICES

Apêndice I - Roteiro de entrevista

- A) Conte um pouco sobre sua história de vida, sua infância, adolescência, juventude e a sua vida hoje.
- B) Conte como se deu a opção pela enfermagem.
- C) Como era a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto durante a sua graduação?
- D) Como era vista a enfermagem na época da sua graduação?
- E) Quais os cursos que realizou durante sua vida profissional?
- F) Quais os locais que atuou como enfermeira?
- G) Quais foram as instituições de ensino em que atuou?
- H) Como foi ser aluna da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e depois dirigente da mesma instituição onde se formou?
- I) Como foi sua percepção acerca do momento histórico político que o país se encontrava no momento quando foi dirigente das instituições de ensino?
- J) Quais foram os desafios encontrados nas instituições de ensino?
- L) Na sua visão, quais foram suas principais contribuições ou marcos deixados nas instituições de ensino?
- M) Em sua opinião, quais foram os fatos marcantes de sua carreira profissional como enfermeira, professora e dirigente de instituição de ensino?
- N) Quando decidiu se aposentar?
- O) Além dessas perguntas feitas à Senhora, teria algum assunto ou experiência que gostaria de abordar? Gostaria de acrescentar alguma fala nesta entrevista?

Apêndice II – Transcrição das entrevistas

Entrevista I

A) Conte um pouco sobre sua história de vida.

Nome: Luci Mobilio Gomes Pinto

Natural do Rio de Janeiro

Filiação: Gabriel Mobilio e Hosmarina de Oliveira Mobilio

Pai Adotivo: José Rocha da Silva Filho

Aos três anos de idade tive minha primeira perda, meu pai faleceu de tuberculose pulmonar e minha mãe comentava que foi um período muito difícil. Três anos após, minha mãe me presenteou com um pai adotivo que foi um verdadeiro pai para mim, chamava-se José Rocha da Silva Filho. Era um pai enérgico, mas muito amigo, conselheiro, que esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

B) Conte como se deu a opção pela enfermagem.

Após um pacto entre três adolescentes do colegial, decidimos que iríamos fazer o curso de enfermagem. Apenas eu concluí o curso. Em 7 de março de 1960 ingressei na EEAP. Fiz a opção de ficar no internato por ser filha única e precisava conviver com pessoas da mesma idade.

C) Como era a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto durante a sua graduação?

O curso de graduação da minha época era muito rígido, tanto no ensino como no internato. Os primeiros seis meses eram preliminares, usávamos uniforme rosa e passávamos por períodos de aula de 8 às 12 horas e de 13 às 18 horas. Era intensivo e cansativo, tínhamos disciplinas básicas e técnicas de enfermagem e de 15 em 15 dias fazíamos prova técnica. Quem não estudava na sala de técnica das 19 às 12 horas todos os dias, corria o risco de ficar reprovada.

Nossa faculdade sempre foi mista, recebia alunos do sexo masculino e feminino e somente as meninas podiam ficar no internato. Logo que cheguei me enamorei de um aluno do terceiro ano, namoramos e depois de formada nos casamos. Chamava-se Tiago Gomes Pinto. Nosso casamento ocorreu em 19 de março de 1963, tivemos dois filhos, José Marcelo Gomes Pinto e Ana Cláudia Gomes Pinto, que me presentearam com netos: Kelly Rafael Gomes Pinto, Marcel Rafael Gomes Pinto, Bruno M. Gomes e Ana Carolina M. Gomes Pinto.

O meu tempo de estudante na EEAP, considero que foi um dos melhores tempo da minha vida, guardo saudades até hoje, das colegas, dos professores e das bagunças que fazíamos. Tínhamos como chefe da disciplina a Profª Anna Grijó, muito rígida, mas excelente docente. A escola tinha como campo de estágio o Hospital dos Servidores do Estado, onde aprendi muito. E muitas das vezes tinha que pegar o ônibus Copacabana/Servidores porque estava alimentando o paciente sob minha responsabilidade e o Belo Antônio (ônibus da EEAP) partia da porta do HSE por ordem das profª que nos acompanhava (Profª Zélia Sena Costa, Elita Silveira, Anna Grijó, etc.).

O nível de responsabilidade e de cobrança era muito grande em relação à ética, postura profissional e conhecimento científico. Nada passava pelo olhar das docentes do estágio. Era uniforme impecável, material de bolso, caderninho de anotações, mas mesmo assim eu era feliz e não sabia. No período em que fomos estudantes, só ficava no curso quem realmente tinha convicção que queria ser enfermeira, pois a rigidez era muito grande.

D) Como era vista a enfermagem na época da sua graduação?

A primeira barreira que enfrentei foi com a minha mãe, mas tive apoio do meu pai; dizia minha mãe que a profissão de enfermeira não era bem vista na sociedade, que enfermeira era a amante de médico. Como tinha apoio e estava decidida a fazer o curso, nada foi motivo de retroceder na minha decisão.

E) Quais os cursos que realizou durante sua vida profissional?

*Curso de Administração Hospitalar na PUC-RJ - responsável Dr. Gennyson Amado
Didática no Ensino Superior na FEFIEG
Preventivo Ginecológico no Hospital São Francisco
Licenciatura em Enfermagem na EEAP
Mestrado em Enfermagem na EEAN- UFRJ*

F) Quais os locais em que atuou como enfermeira?

Hospital Fabiano de Cristo - CAPEMI, hoje Hospital Vital, durante dois anos.

G) Quais foram as instituições de ensino em que atuou?

Fui admitida na EEAP em junho de 1966. Inicialmente organizei o setor de saúde que prestava assistência aos alunos e funcionários da EEAP. Como estava me sentindo muito ociosa nesta função, em 1967 solicitei a Profª Clelia de Pontes, diretora da EEAP para participar no ensino e a mesma me colocou no curso Experimental de Auxiliar de Enfermagem com duração de um ano, e era intensivo.

Tive apoio e orientação no início de minha carreira como docente de duas grandes mestres: Profª Clelia de Pontes e Prpfª Simone Foom Riviera, pessoas desprendidas, inteligentes, que sentiam prazer em transmitir os seus conhecimentos para quem estava iniciando. Dizia a Profª Clelia de Pontes “o sol nasce para todos”. Fiquei na EEAP de 1966 até 1995.

Por indicação da Profª Josete Luzia Leite fui trabalhar na Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, São Camilo, fiquei na direção durante 5 anos e 5 anos no ensino na CMS Ernesto Zeferino Tibau Júnior. Foi um período na minha vida profissional extremamente gratificante quando comecei, em 2003, a levar os alunos para dar assistência ginecológica na Comunidade do Parque Eredia em Benfica. Foram 10 anos fazendo preventivo ginecológico e tratando as mulheres da comunidade. Os alunos puderam colher material cervicouterino, orientar as pacientes ampliando seus conhecimentos em enfermagem ginecológica. Em 17 de dezembro de 2007 fui demitida da FELM.

Em fevereiro de 2008 fui convidada pela Profª Maria José Bezerra de Araújo a dirigir o curso de Enfermagem na Faculdade Bezerra de Araújo - FABA. Fiquei na direção durante três anos e no momento estou no ensino ministrando as disciplinas de

Enfermagem e Saúde Coletiva, Teorias e Processo de Enfermagem, Saúde Ambiental e Ecologia, e Deontologia em Enfermagem e continuei a fazer o preventivo ginecológico com os discentes da FABA.

H) Como foi ser aluna da EEAP e depois dirigente da mesma instituição onde se formou?

Em novembro de 1989, o colegiado da EEAP se reuniu em sessão extraordinária sob a presidência da Profª Anna Grijó e sob votação secreta fui escolhida para ocupar o cargo de diretora com 22 votos. Em janeiro de 1990, o Reitor Profº Osmar Teixeira assinou a portaria me empossando no cargo de diretora da EEAP.

Pensei: “Deus como você é tão bom para mim, ao ficar órfão me deu um pai maravilhoso, ao escolher uma profissão você me direcionou para enfermagem, ao ter um emprego você me conduziu para EEAP e agora me presenteia com a direção da escola que tanto amo. Pode deixar que jamais vou te decepcionar na minha trajetória de vida”. Senti um orgulho muito grande de ter sido a primeira ex-aluna a ocupar o cargo de direção da EEAP. No seu jubileu de ouro, acredito que a minha guru, Profª Clelia de Pontes, estava a todo estante ao meu lado.

I) Como foi sua percepção acerca do momento histórico político que o país se encontrava no momento quando foi dirigente das instituições de ensino?

Seja qual for o momento você sempre se esbarra em dificuldades para realizar ações em prol da instituição. Tivemos momentos difíceis, mas com a união do colegiado de curso sempre conseguimos realizar cursos, encontros, seminários e participar de congressos.

J) Quais foram os desafios encontrados nas instituições de ensino?

Desafios sempre teremos, trabalhamos com pessoas, cada qual com seu nível de inveja, ambição e que, às vezes, tentam atrapalhar o andamento da direção. Consegui vencer muitas barreiras com a ajuda de colegas que tinham o mesmo ideal que o meu.

L) Na sua visão quais foram suas principais contribuições ou marcos deixados nas instituições de ensino?

Na EEAP desarticulamos a disciplina de Enfermagem Obstetrícia da Enfermagem Ginecológica; criamos o curso de Enfermagem Obstetrícia ao nível de Pós-Graduação Lato Sensu; realizamos o concurso Público de Livre Docência; realizamos a Jornada Científica de Enfermagem “Premio Lemgruber”; fizemos a integração dos docentes do ciclo básico com os da EEAP através de seminários para discutirmos assuntos na formação do enfermeiro.

Na FELM fizemos um seminário com os docentes da instituição para mudança do currículo; criamos o Núcleo Orientação à Pesquisa e Edição – NOP; criamos o Núcleo de Apoio ao Estudante; realizamos a jornada científica da FELM com a participação de docentes e discentes da instituição e faculdades coirmãs; participei de vários encontros da São Camilo onde se discutia os rumos da instituição; e foi durante a minha direção que criei o PDI e o PPC.

Na FABA participamos da mudança do currículo de 8 para 10 períodos; organizamos a semana de enfermagem com a participação de docentes e alunos.

M) Em sua opinião, quais foram os fatos marcantes de sua carreira profissional como enfermeira, professora e dirigente de instituição de ensino?

Não consigo separar ser enfermeira do ser docente, pois sempre me integrava com enfermeiras do campo de estágio, assumindo responsabilidades que são inerentes a profissão. O fato marcante foi ter assumido, em uma comunidade junto com os discentes, o preventivo ginecológico durante 10 anos. Acredito que neste tempo consegui transferir para os discentes a minha preocupação na promoção da saúde da mulher. Recebi da Aben o certificado de Honra ao Mérito Profissional – Prêmio OPAS - destinado a enfermagem como “gente que faz saúde”.

N) Quando decidiu se aposentar?

Na realidade ainda não estou aposentada, continuo a exercer o magistério com o mesmo entusiasmo de que iniciei em 1967.

O) Além dessas perguntas feitas à Senhora, teria algum assunto ou experiência que gostaria de abordar? Gostaria de acrescentar alguma fala nesta entrevista?

Nesse momento falou que não tinha mais nada a declarar e agradeceu.

Houve um segundo encontro com a Prof^a Luci Mobilio Gomes Pinto, na Faculdade Bezerra de Araújo em Campo Grande, Rio de Janeiro, para esclarecer algumas dúvidas.

Entrevista II

Quando questionada sobre a história da Faculdade de Enfermagem Luiza de Marillac relatou que quando só existiam as faculdades públicas de enfermagem, a FELM era a única faculdade de enfermagem privada. Assumiu o cargo de coordenadora dessa faculdade em 1997.

Eu fiquei lá durante 10 anos. Eu saí quando fiz 10 anos. Aí eu entrei por indicação de Prof^a Josete Leite e Hans Fernando Dohmann, que era um dos coordenadores de lá da São Camilo. Eles tiveram uma reunião com a direção da São Camilo, e neça perguntaram se conheciam alguém, e os dois me indicaram.

Quando entrei, encontrei a instituição com três currículos, fiz reunião com todos os docentes. Chamei a Prof^a de didática, a Prof^a Janete de Luzia Leite que também era da UNIRIO, fiz um seminário, um grande seminário para decidir qual o currículo que íamos adotar.

Tinha a participação muito grande de todo o corpo docente. Ficamos uma sexta-feira, um sábado e um domingo, a instituição nos ofereceu almoço, ficamos e

trabalhamos lá o dia inteiro. E saímos de lá com um único currículo. E com isso começamos a desenvolver um único currículo.

O que tinha de muito bom é que tínhamos apoio de toda e qualquer forma, tudo que você pensasse em fazer em prol da instituição e do ensino tinha apoio, tinha apoio da direção da instituição e da São Camilo como mantenedora.

Nós fizemos isso, e aí nós começamos a ver as outras coisas que eram necessárias. Tínhamos um diretor que se chamava Ricardo Azevedo Dias que era muito integrado com o grupo, muito integrado com o curso, naquele tempo só tinha o curso de enfermagem, não tinha o curso de administração, depois que foi criado. Ele era uma pessoa que sentava para conversar sobre o que era interessante, era muito visionista, ele tinha muitas ideias, tinha ideias maravilhosas, aí ele começou a mudar a estrutura física da instituição que não tinha elevador e agora tem. Não tinha auditório, ele fez. Fazíamos teatro, pois tinha uma pessoa que foi indicada para ir para lá e eu dei um apoio muito grande, que era o Ronaldo Sampaio. Ele formava coisa de teatro, era de teatro, era de comunicação, fazíamos teatro no final de ano, fazíamos teatro das coisas. Nós comemorávamos o aniversário da instituição com teatro, sempre dentro da religiosidade, então fizemos estas coisas.

O crescimento que tínhamos lá dentro era por conta do apoio que tínhamos da direção geral da São Camilo. Uma coisa que eu não sei se continua, pois estou afastada há quase nove anos.

Gostaria muito de voltar para lá, isso é uma realidade. Por que eles faziam uma reunião de todos os coordenadores dos cursos, levavam para um determinado lugar, em São Paulo, e discutia a instituição.

Fui a primeira a fazer também o PDI e o programa do curso, o PPC. Eu acho que nós servimos de cobaia, nos levaram para Búzios para todos os professores criarem um PDI. Em três dias nós criamos um PDI. Então eu tenho a impressão que os outros não tinham. Foi feito primeiro com a gente, pegava o negócio firme, e criamos PDI e depois de criado vimos que nós fizemos, cumprimos tudo.

Nessa época que criamos o PDI, nós criamos o Grupo de Apoio ao Estudante e o Núcleo de Pesquisa, isso tudo foi andando com uma facilidade, uma leveza. Eu sinto muita falta de lá, da estrutura de trabalho da São Camilo, gostaria muito de estar de volta lá. Realmente é uma estrutura muito organizada.

Tínhamos festa de Natal, festa do dia do mestre. Geralmente em festa de Natal reunia todos os funcionários. Eu acho que a instituição, foi muito gratificante para mim trabalhar na São Camilo, foi muito produtivo. Eu quero falar de lá com o apoio de todos os docentes da instituição, nós éramos muito integrados.

Depois eu fiquei trabalhando lá durante 10 anos. Fiquei cinco como coordenadora e cinco como docente.

Depois entrou uma pessoa vinda de São Paulo no cargo de diretor de ensino, eu saí da direção, fui ser professora, então comecei a produzir na Saúde Pública, trabalhar com os alunos dentro de uma favela, fazendo exames ginecológicos, ia fazer vacinação com idosos nas casas. O outro lado da professora Luci, fazendo e ensinando os alunos.

Foi quando o Sr. Diretor de ensino, falou e me chamou e me disse que estava demitida. Foi no dia 17 de dezembro de 2007. Ele veio argumentar comigo porque eu era muito recessiva ao comando, à ordem. Eu disse a ele que ele estava equivocado. Se eu fosse uma pessoa muito ruim do jeito que ele estava falando eu não teria ficado lá na direção durante cinco anos e mais cinco anos como professora. Na realidade eu incomodava ele e por isso ele estava me mandando embora. Eu batia de frente com ele porque ele era muita pluma para o meu lado. Aí

a FABA me chamou. Foi no dia da morte do meu pai biológico. Então não vou me esquecer nunca.

Sobre a Faculdade Bezerra de Araújo - FABA

E três ou quatro dias depois, a Maria José me ligou perguntando como estava o meu tempo, convidando para ir para FABA. Ela já devia saber que tinha sido demitida da FELM. Depois de alguns meses, quem saiu foi o Diretor de Ensino da FELM, ele me prejudicou e também saiu.

O tempo que fiquei lá, a produção foi muito grande. Fazíamos reunião mensal com todos os docentes, não havia nível de competição, tínhamos um nível de trabalho. Trabalhei com Prof^a Sonia Eugenio e Prof^o Elielso de Souza. Era uma harmonia muito grande com os professores. Eu sinto muita falta de lá. Eu queria muito que me dessem uma nova chance. Em termos de organização aquilo lá é fantástico. A Instituição privada é muitas vezes mais organizada que uma instituição pública. A estrutura de lá era fantástica. Eu trabalhei 33 anos em uma instituição pública, lá, no que a gente pensar, a São Camilo segurava.

Eu vim para a FABA para coordenar o curso, mas fiquei algum tempo. A estrutura é muito diferenciada, na realidade não deu muito certo, agora quem está na coordenação é a professora Rose. Fiquei como professora, foi a melhor coisa da minha vida, estou dando aula de Saúde Pública, Enfermagem e Saúde Coletiva I, Saúde Ambiental e Deontologia, Teorias e Processos de Enfermagem, quatro disciplinas bem distintas uma das outras, mas eu faço integração entre elas. Dou aula de pós-graduação na parte de enfermagem obstétrica, parte de ginecologia, já levei aluno para fazer o preventivo lá no centro de saúde.

Eu gosto do convívio com o aluno, isso me faz bem. Estou cansada? Estou. Estou com idade? Estou. É difícil acordar às 5 horas da manhã? É. Aqui é distante? É.

Chegando aqui as coisas se modificam, porque o convívio com o aluno é muito bom, então, neste momento, fazendo este tipo de trabalho, me foi solicitado dar aula este ano de saúde coletiva à noite e eu aceitei. Mas todo dia eu pedia a Deus força para trabalhar, todo o dia, eu nunca mais farei isso.

Quanto ao medo de sair à noite de Campo Grande até a minha residência eu não tenho. Eu nunca mais farei isso pelo cansaço, não pelo medo. Dar aula pela manhã tarde e noite é dose.

Aqui tem uma estrutura diferenciada. Ela é dirigida pela família, então tem umas pessoas que dão uma ordem, a outra vem e dá outra ordem. E o perfil do aluno daqui é bem diferente do da São Camilo.

Sobre o Hospital Fabiano de Cristo

Trabalhei quando era da EEAP. Eu só tinha 20 horas, então resolvi trabalhar no hospital durante dois anos e saí para fazer o mestrado. Eu tinha 20 horas semanais, então uma aluna me disse que estavam precisando de uma enfermeira. Como nunca tinha experiência com trabalho hospitalar, resolvi aceitar o convite. Trabalhava na EEAP pela manhã e ia para o Hospital à tarde e fiquei como chefe de lá. Lá eu fui chefe de enfermagem. O hospital era uma instituição filantrópica ligada a caixa de pecúlio dos militares.

Aí a Prof^a Celia Antunes me telefonou e disse: “olha uma vaga para cursar o mestrado na Escola Ana Nery”. A Célia me dava uma ordem eu cumpria sorrindo.

A Célia Antunes, a quem eu tenho muito a agradecer aí. Este período foi uma experiência boa. Foram só dois anos, as pessoas eram muito receptivas, trabalhei com técnico em um clima de muita amizade; foi muito bom.

Sobre a orientadora durante o mestrado

Relata que recebeu muito apoio e ajuda e orientação durante o mestrado de vários Prof da Anna Nery.

Agradeço ao apoio da Profª Celia Antunes. Frequentava até a casa de outros professores para ter ajuda e orientação durante o período que fiz o mestrado. Eu e Celia fomos da 2ª turma de mestrado da Anna Nery, eles abriram o mestrado somente para os professores deles, mas deram duas vagas pra gente, então eu fui fazer o mestrado com a Celia.

A Profª Haydee era como um ídolo para mim, uma professora que fez muito pela enfermagem, eu perguntava a um e a outro pedindo orientação. E então eu pedia ajuda as duas irmãs Dantas, que aí eu corria para elas para pedir ajuda. Minha orientadora era para mim um ídolo da enfermagem. E na defesa do meu mestrado eu tinha cinco pessoas na minha banca, coisa que eu acho um absurdo. Era Hayde Dourado, Pereira Caldas, Maria Ivone Chaves Mauro, Lígia Paim, eram tantas pessoas que, quando meu pai foi assistir minha defesa, ele disse às professoras que isso não era forma de se avaliar ninguém, que era uma tortura. Era muita tensão e durou 1 h e meia. Eu fiz uma pesquisa com 200 mulheres, passei minhas férias de janeiro indo à maternidade do Hospital de Bonsucesso e à maternidade do Hospital Fernandes Figueiras, colhendo dados das puérperas. Mas graças a Deus venci.

Apêndice III – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO-
UNIRIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE LUCI MOBILIO GOMES PINTO COMO DIRIGENTE DE INSTITUIÇÕES DE ENFERMAGEM

Pesquisador: Lana Mara Alves Barbosa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 31647014.2.0000.5285

Instituição Proponente: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 724.627

Data da Relatoria: 21/07/2014

Apresentação do Projeto:

Segundo parecer, tendo por objetivo apreciar as pendências, a saber:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fora da normatização preconizada
- Termo de imagem inadequado, por faltar informações essenciais para o que se destina, conforme se encontra na plataforma lattes "A entrevista depois de analisada e pesquisada irá compor os acervos do LAPHE"
- Folha de rosto vem assinada pela orientadora, que tem por função Diretora da EEAP, sendo prudente ser assinada pela Coordenado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Enfermagem

Objetivo da Pesquisa:

*Resgatar a memória construída Profª Luci Mobilio Pinto através de sua biografia.

*Discutir a relevância da personagem na história das Instituições de Ensino, descrevendo suas principais ações e traços de permanência deixados em cada Instituição.

*Analisar as suas contribuições maissignificativas para a Enfermagem

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto relata em suas palavras "Emocionar a personagem com lembranças passadas, sejam alegres ou tristes", o que se entendeu se tratar de risco mínimo. Os benefícios foram apresentados.

Endereço: Av. Pasteur, 296

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep.unirio09@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO-
UNIRIO



Continuação do Parecer: 724.827

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Ratificação dos comentários do primeiro parecer.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido atendido
- Termo de imagem adequado, se recomendando a produção do documento em uma lauda
- Folha de rosto atendido

Recomendações:

- Ajustar cessão de direito em uma lauda

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- Aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme preconizado na Resolução 466/2012, o CEP-UNIRIO aprovou o referido projeto. Caso o/a pesquisador/a realize alguma alteração no projeto de pesquisa, será necessário que o mesmo retorne ao Sistema Plataforma Brasil para nova avaliação e emissão de novo parecer. É necessário que após 1 (um) ano de realização da pesquisa, a ao término dessa, relatórios sejam enviados ao CEP-UNIRIO, como compromisso junto ao Sistema CEP/CONEP

RIO DE JANEIRO, 22 de Julho de 2014

Assinado por:
Sônia Regina de Souza
(Coordenador)

Endereço: Av. Pasteur, 296

Bairro: Urca

UF: RJ

Telefone: (21)2542-7796

CEP: 22.290-240

Município: RIO DE JANEIRO

E-mail: cep.unirio09@gmail.com

Apêndice IV – Termo de Autorização do Uso de Imagem e Depoimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO

Cessão de Direito sobre Depoimentos Escrito/Imagens para Escola de Enfermagem Alfredo Pinto –EEAP \ Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem -LAPHE

Pelo presente documento LUCI MOBILIO GOMES PINTO,

(nacionalidade) Brasileira, (estado civil) viúva, Carteira de identidade número, 01522626-9 emitida por Detran (órgão expedidor),

CPF 041.422.627-91 residente no domiciliado em Rua Cons.

Zerha 41/206 Tajuca CEP 20550-090

Cidade: Rio de Janeiro- UF :RJ .

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo direitos patrimoniais de autor sobre documento escrito/imagem a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto –EEAP |LAPHE a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre documento escrito/imagem prestado no dia 06 \ 09 \ 2014 , na cidade Rio de Janeiro , perante o pesquisadora Lana Mara Alves Barbosa .

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, LUCI MOBILIO GOMES PINTO, proprietária originária do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

Fica pois a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto –EEAP -|LAPHE plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Sendo esta forma legítima que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 2 (duas) vias igual teor e para um só efeito.

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto-EEAP- LAPHE

Nome da cedente Luci Moblio Gomes Pinto

CPF: 041422687-91

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura:

Luci Moblio Gomes Pinto

Data:

6/9/13

Comitê de Ética em Pesquisa CEP-UNIRIO
 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
 Avenida Pasteur, 296 – Urca – Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22290-240.
 Telefones: 21- 25427796 E-mail: cep.unirio09@gmail.com

Testemunhas:

NOME:

Isaura Maria dos Barboza

CPF:

763.269.427.72

NOME: _____

CPF: _____

Apêndice V – Termo de Autorização do Uso de Imagem e Depoimento



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE LUCI MOBILIO GOMES PINTO COMO DIRIGENTE DE INSTITUIÇÕES DE ENFERMAGEM

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo deste projeto é :

- *Resgatar a memória construída Profª Luci Mobilio Gomes Pinto através de sua biografia.
- *Discutir a relevância da personagem na história das Instituições de Ensino, descrevendo suas principais ações e traços de permanência deixados em cada Instituição.
- *Analisar as suas contribuições mais significativas para a Enfermagem

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para dissertação de mestrado sob o tema : A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE LUCI MOBILIO GOMES PINTO COMO DIRIGENTE DE INSTITUIÇÕES DE ENFERMAGEM Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente 1 hora, bem como utilizaremos seu trabalho final como parte do objeto de pesquisa.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: A entrevistas será gravadas em áudio. As fitas serão ouvidas por mim e por uma entrevistadora experiente , durante a gravação e seu nome será utilizado. O documento que contém a informação sobre a correspondência entre números e nomes permanecerá em um arquivo para pesquisa de futuras pesquisadores . As fitas serão utilizadas somente para coleta de dados. Se você não quiser ser gravado em áudio, você não poderá participar deste estudo.

- Obs: Será utilizado a cessão de direito sobre depoimentos escritos \imagens

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará a contribuir para o fortalecimento da linha de pesquisa geral “O desenvolvimento da Enfermagem no brasileira “ através do projeto “Os Diretores da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto”, vinculado ao Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem – LAPHE da UNIRIO . Esta pesquisa produzira documentos que possam preservar a memória da personagem, sendo de suma importância que seja destacada em sua trajetória de vida aspectos que possam vir a e contribuir para o engrandecimento da profissão. O estudo vem a colaborar com uma investigação que possibilitará adquirir informações ate então não conhecidas .Esta pesquisa visa contribuir para o aprimoramento do ensino de história da enfermagem, pois produzirá fontes documentais orais e escritas que poderão ser consultadas por diversos pesquisadores, favorecendo a divulgação de informações sobre a direção dos cursos de enfermagem , ficando os registros disponíveis para acesso ao público,



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.

CONFIDENCIALIDADE: Como foi dito acima, seu nome não aparecerá nas fitas de áudio, bem como em nenhum formulário a ser preenchido por nós. Nenhuma publicação partindo destas entrevistas revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado. (Este item não se aplica, pois será utilizado a cessão de direito sobre depoimentos escritos \imagens. A depoente concorda com a divulgação de seu nome conforme cessão de direitos sobre depoimento escritos e imagem)

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação de mestrado em Enfermagem. Possui vínculo com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO através do Programa de Pós-Graduação de mestrado em Enfermagem sendo a aluna Lana Mara Alves Barbosa a pesquisadora principal, sob a orientação da Profª Dra. Almerinda Moreira As investigadoras estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contacte por e mail lanamaralves@yahoo.com.br no telefone 21-993160765, ou o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-UNIRIO no telefone 2542-7771 ou e-mail cep-unirio@unirio.br. Você terá uma cópia deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Nome:

Luci Mobilio Gomes Pinto

Endereço:

Rua: Cons. Lenha nº 41/206. - Tejuca - RJ

Telefone:

Eu concordo em participar deste estudo.

Assinatura:

Luci Mobilio Gomes Pinto

Data:

6/9/2014



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Discuti a proposta da pesquisa com este(a) participante e, em minha opinião, ele(a) compreendeu suas alternativas (incluindo não participar da pesquisa, se assim o desejar) e deu seu livre consentimento em participar deste estudo.

Assinatura (Pesquisador):

Lana Mara Alves Barbosa

Nome: LANA MARA ALVES BARBOSA

Data: 6-9-2014

ANEXOS

Anexo I – Fotografias do acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes

Foto 1 - Luci Mobilio Gomes Pinto em festa das diretoras



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes

Local: Sala de reuniões junto à sala da direção, onde possuía vários quadros na parede. Todos os participantes da foto encontram-se de pé.

Da direita para esquerda: 1ª pessoa, aplaudindo de vestindo rosa, é a Profª Luci Mobilio Gomes Pinto; 2ª pessoa, olhando para baixo com roupa amarela, é a Profª Joanir Pereira Passos; 3ª pessoa, enfermeira Verônica, do INCA; 4ª pessoa, de blusa branca e saia vermelha, de braços cruzados, é a Profª Enedina Soares; 5ª pessoa – desconhecida.

Foto 2 – Luci Mobilio Pinto Gomes no pátio do Hospital dos Servidores do Estado



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes

Foto posada, formato quadrado, que se compõe por seis enfermeiras, dentre elas cinco encontravam-se usando touca tipo andorinha, uniforme composto por blusa azul sob avental branco, sapatos pretos e meias finas.

O local era o pátio do Hospital dos Servidores do Estado, durante o tempo em que a professora Luci realizou estágio neste local.

Da esquerda para direita: 1ª - Norma Barbosa; 2ª - Luci Mobilio Gomes Pinto; 3ª e 5ª - enfermeiras do HSE; 4ª - De vestido azul e sapato preto, Profª Nilce; 6ª - Maria das Dores Almeida Leão.

Foto 3 - Luci Mobilio Gomes Pinto em Campanha de vacinação



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes

Foto retirada durante Campanha de Vacinação realizada em janeiro de 1966, pelos alunos da EEAP, contra a varíola, em Barra do Piraí–RJ, onde os alunos passaram um mês realizando campanha de vacinação. Ficaram hospedados no hotel São Sebastião, localizado na mesma cidade.

Nesta foto, Luci Mobilio Gomes Pinto encontra-se de pé aplicando vacina em um paciente, sendo observada pela prof^a Fátima que acompanhava o grupo. Tanto os alunos quanto a prof^a vestiam blusa branca com saia azul marinho, sendo este o uniforme de Saúde Pública.

Foto 4 - Luci Mobilio Gomes Pinto em Pátio do Hospital Central do Exército



Fonte: Acervo pessoal de Luci Mobilio Pinto Gomes

Foto de formato retangular, datada de 1968 e tirada no pátio do Hospital Central do Exército em Triagem-RJ. A turma do Curso de Auxiliar de Enfermagem era composta de onze alunos, dentre os quais três do sexo masculino. As mulheres vestiam uniforme composto de blusa azul claro, avental branco, sapatos pretos e touca. O uniforme masculino era composto de calça e jaleco branco com sapatos preto.

A segunda pessoa da esquerda para direita é a prof^a Noelma Telles de Menezes e a terceira é a prof^a Luci Mobili Gomes Pinto. As prof^{as} vestiam jaleco branco com sapatos brancos. Todas as pessoas do sexo feminino apresentam-se de cabelos presos.

Anexo II – Moção de Congratulação à Luci Mobilio Gomes Pinto dada pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro



Anexo III – Certificado de Honra ao Mérito Profissional dado a Luci Mobilio Gomes Pinto pela ABEn

